



ARAUTOS DO EVANGELHO

Número 244
Abril 2022

*Divina vitória,
de grandeza rutilante*



Curso Online Gratuito
Consagração
a

NOSSA SENHORA

Através de um curso online, totalmente gratuito, você poderá conhecer os encantos de ter por amiga a Mãe de Deus!

Participe conosco, são milhares de pessoas, dos mais diferentes lugares, unidas no mesmo propósito de conhecer Maria Santíssima e se consagrar a Ela como escravo de amor.

E se você já se consagrou como escravo de amor a Maria e agora deseja crescer no conhecimento e entrega a Ela, a **Plataforma Reconquista** coloca à sua disposição dezenas de cursos online.



“Foi pela Santíssima Virgem Maria que Jesus Cristo veio ao mundo, e é também por Ela que Ele deve reinar no mundo”.

*São Luís Maria
Grignion de Montfort*

*Dezenas de cursos online à sua disposição
na maior plataforma de formação Católica do país*

Acesse já e inscreva-se!

WWW.RECONQUISTA.ARAUTOS.ORG

Transmissão da Santa Missa
diariamente às 19h

Acompanhe a programação completa dos Arautos
através das redes sociais



ARAUTOS DO EVANGELHO

Ano XXI, nº 244, Abril 2022

ISSN 1982-3193

**Revista de cultura
e inspiração católica
publicada por:**

Associação Brasileira
Arautos do Evangelho
CNPJ: 03.988.329/0001-09
www.arautos.org.br

Diretor Responsável:
Mario Luiz Valerio Kühl

Conselho de Redação:
Severiano Antonio de Oliveira;
Silvia Gabriela Panez;
Marcos Aurelio Chacaliaza C.

Administração
Rua Diogo de Brito, 41
02460-110 - São Paulo - SP
admrevista@arautos.org.br

ASSINATURA E

ATENDIMENTO AO ASSINANTE:
(11) 2971-9050
(NOS DIAS ÚTEIS, DE 8 ÀS 17:00H)

Assinatura e Participação

Assinante (anual): R\$ 204,00 únicos

Participante (por tempo indeterminado):

Colaborador..... R\$ 40,00 mensais

Benfeitor..... R\$ 50,00 mensais

Grande Benfeitor R\$ 60,00 mensais

Exemplar avulso R\$ 17,00

Os artigos desta revista poderão ser reproduzidos, desde que se indique a fonte e se envie cópia à Redação. O conteúdo das matérias assinadas é da responsabilidade dos respectivos autores.



Este produto é impresso na PLURAL - uma empresa comprometida com o meio ambiente e com a sociedade, oferece produtos com o selo FSC, garantia de manejo florestal responsável.



Impressão e acabamento:

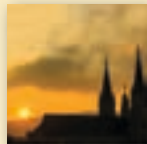
Plural Indústria Gráfica Ltda.

Av. Marcos Pentead de Ulhoa Rodrigues, 700
06543-001 - Santana de Parnaíba - SP

SUMÁRIO

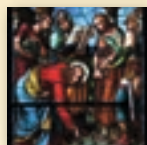
Escrevem os leitores 4

Deus é a Vitória! (Editorial) 5



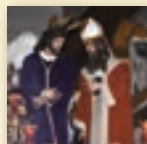
A voz dos Papas –
Deus proverá a vitória final!

6



Comentário ao Evangelho –
A Misericórdia
em face da miséria

8



O julgamento de Nosso
Senhor Jesus Cristo –
O encontro entre dois
pontífices

16



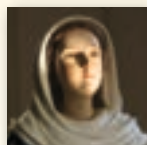
“Eu vou ser
uma freira famosa!”

20



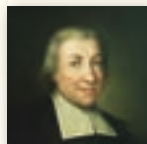
Emmanuele Brunatto –
Perseguindo os
perseguidores do Padre Pio

24



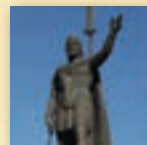
Preciosos ensinamentos
da Ressurreição

28



São João Batista de La Salle –
O Jordão da graça

32



Conformismo ou
intransigência?

36



Equilíbrio de alma

38



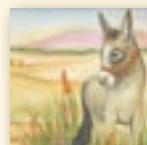
Arautos no mundo

40



Aconteceu na Igreja e
no mundo

44



História para crianças... –
O jumentinho
mais feliz da História

46



Os Santos de
cada dia

48



“Kintsugi” e a arte
do perdão divino

50



Revista Arautos do Evangelho online

Tenha acesso ao conteúdo
da revista diretamente
de seu celular.

Acesse: revista.arautos.org





ESCREVEM OS LEITORES

SENTIDO PARA UM SOFRIMENTO APARENTEMENTE INÚTIL

Esta mensagem é para a Ir. Patrícia Victoria Jorge Villegas, EP, que escreveu um lindo artigo sobre Luís XVII. De modo fortuito, eu tinha acabado de tomar conhecimento da história dele, e sentia meu coração absolutamente partido e devastado por esse menininho que viveu há duzentos e cinquenta anos. O artigo da Ir. Patrícia me reconfortou e deu um sentido a seu sofrimento aparentemente inútil e insuportável. Muito obrigada!

*Deborah Cher
Nova York – Estados Unidos*

“O PECADO DO SÉCULO”

Lendo o texto de São João Paulo II, na seção *A voz dos Papas*, sobre *O pecado do século*, penso que de 1984 até hoje, 2022, essa decadência não desacelerou, mas decaímos até à exaltação do pecado. Um abismo que poderia ter sido evitado se simplesmente os pastores tivessem pregado bem. É imensa a sua responsabilidade perante os fiéis e, sobretudo, perante Deus.

*Adele Ares
Via rivistacattolica.it*

MARAVILHOSO É COMPROVAR UMA INTERCESSÃO JUNTO A DEUS

O prêmio dos que têm fé... E eu acrescentaria também: confiança, esperança, perseverança e muita, muita humildade. Os testemunhos que nos relata a autora deste artigo são de pessoas que, angustiadas com problemas importantes e já no limite do impossível, decidiram recorrer à intercessão de Dona Lucília. E com muita fé, confiança e perseverança conseguiram

que seus rogos fossem escutados e deferidos.

É uma maravilha comprovar como Nosso Senhor, por meio de intercessores, atende àqueles que com as virtudes acima enunciadas, e muitíssima humildade, recebem as graças que rogavam de todo coração.

*Covadonga Montas
Via revistacatolica.org*

LEITURA ESCLARECEDORA E INSTRUTIVA PARA A ATUALIDADE

Parabenizo o autor Ângelo Francisco Neto Martins e os Arautos do Evangelho pela publicação do excelente artigo: *Alguns sofismas do mundo contemporâneo – Leitor, deixe-lhe a escolha do título deste artigo*, na edição de fevereiro passado. Leitura esclarecedora e instrutiva de que necessitamos nos tempos atuais. Mais uma vez felicito o autor pelo tema escolhido.

*Iria Rita Copatti Canton
Marília – SP*

UMA HISTÓRIA QUE FAZ REFLETIR E AGRADECER

Não devais nada a ninguém... Que belíssima história! Ela nos faz refletir sobre o ano que passou e lembrar a todos os que estiveram ao nosso lado, nossa família, amigos, e recordar também com gratidão a Santa Igreja, os sacerdotes que dedicam suas vidas para salvar nossas almas, os irmãos e irmãs que fizeram apostolado conosco durante todo o ano, sempre com um sorriso nos lábios. São tantas as graças recebidas nas casas dos Arautos que fizemos o propósito de, sempre que chegar a uma de suas casas, admirar tudo como se fosse a primeira vez, lembrando as graças primaveris recebidas na primeira visita.

*Alessandra Roberta F. Corrêa
Via revista.arautos.org*

FOTO DO EVANGELHO NO FOLHETO DA MISSA

Peço autorização para reproduzir a estampa de Jesus pregando na Sinagoga de Jerusalém, que ilustra o *Comentário ao Evangelho* intitulado *A força da Palavra!* Somos uma comunidade de religiosas católicas que vivem em Baltimore, Estados Unidos, e queríamos publicá-la no folheto da Missa de domingo. Assistem presencialmente a esta Eucaristia entre setenta e cinco e oitenta pessoas, e é transmitida *online* para cerca de cem a cento e vinte e cinco pessoas. Muito obrigada.

*Ir. Luísa Santa Cruz, OCD
Via catholicmagazine.news*

CUIDADO COM O FARISAÍSMO...

“Tarefa muito atraente seria especular a esse respeito”, conclui o autor do artigo *Os fariseus de ontem...* Estou ansioso pelas próximas revistas. O que não podemos é ficar de braços cruzados enquanto os “Antíocos” e os “fariseus” se unem para desfigurar a Igreja Católica. Paz e bem!

*Vitor C.
Via revista.arautos.org*

PARÓQUIA SANTUÁRIO SÃO PIO X

Gostaria de saber se é possível os senhores nos enviarem a foto de São Pio X que utilizaram na capa de uma das edições da revista *Arautos do Evangelho*, e está em alta qualidade. O pároco do Santuário de Adoração que porta o nome de São Pio X, aqui de São Carlos, viu essa foto na Revista e gostaria de colocá-la no altar do referido Santuário. Seria possível fazer esta caridade? Nossa Senhora lhes pague muitíssimo!

*Rafael Martins
São Carlos – SP*

DEUS É A VITÓRIA!

A Teologia atribuiu inúmeros predicados a Deus, tais como Sumo Bem, Suma Verdade e Suma Beleza. Conforme a doutrina clássica da participação, todos os seres criados têm parte em grau maior ou menor nesses atributos, ou seja, são mais ou menos bons, verdadeiros e belos.

De modo análogo, podemos igualmente afirmar que, em certo sentido, Deus é a Vitória. E desse atributo também participa a obra saída de suas mãos.

Na aurora da criação dos seres angélicos, momento em que as trevas pareciam prevalecer com a revolta de Lúcifer, São Miguel proclamou: “Quem como Deus!” Por esse brado, o Arcanjo derrotou com uma explosão de luz as hostes de Satanás, tornando-se o paladino do Sumo Bem e o supremo vingador da honra de Deus ofendido. Participou, portanto, da vitória do Altíssimo.

Já na terra, após o pecado original tudo parecia indicar que o bem perecera; expulsos do Paraíso, Adão e Eva teriam de padecer e batalhar neste vale de lágrimas. Permanecia, porém, a promessa de que a Mulher – Nossa Senhora – esmagaria a cabeça da Serpente (cf. Gn 3, 15).

De fato, o “sim” de Maria Santíssima ao anúncio angélico foi um duríssimo revés para as legiões infernais, pois d’Ela nasceria a própria Vida (cf. Jo 14, 6). No Verbo Encarnado tudo era vitória, até mesmo sua Morte, pois por ela se conquistou o maior trunfo para o gênero humano, a Redenção. Ademais, uma vez ressuscitado, Jesus já não morre, “a morte não tem mais domínio sobre Ele” (Rm 6, 9).

Todavia, o diabo não baixou a guarda, mesmo derrotado. Pelo contrário, o Apóstolo esclarece que o nosso combate não é “contra a carne e o sangue, mas sim contra os Principados e Potestades, contra os Dominadores deste mundo tenebroso e contra os espíritos malignos espalhados pelos ares” (Ef 6, 12). Enquanto o calcanhar da Virgem não desferir o último golpe, a raça da Serpente continuará a empreender suas insídias ao gênero humano.

São Pedro exorta à vigilância contra esse inimigo traiçoeiro (cf. I Pd 5, 8), o que devemos fazer, sobretudo, nos munindo de armas espirituais como a Eucaristia e o Rosário. De fato, o mais importante nessa lide é conservar a vida interior, mesmo nas extenuantes agruras a que está exposto nosso homem exterior.

No combate cotidiano, os verdadeiros filhos da Igreja confiam, pois, que as portas do inferno jamais prevalecerão contra ela (cf. Mt 16, 18). E a ruína do mal depende de cada um deles, conforme salientou Dr. Plínio Corrêa de Oliveira no livro *Em defesa da Ação Católica*: “É, em última análise, da santidade que depende a vitória da Igreja na grande luta em que está empenhada”. Participando da vitória divina, o Santo sempre vence, até mesmo pela morte, pois não há maior triunfo que o Céu.

Faz-se mister, portanto, uma absoluta confiança nos desígnios do Onipotente, mesmo nas encruzilhadas caóticas em que nos encontramos. O demônio é um eterno derrotado. Assim, se o Senhor é a Vitória, os que O servem participam de sua conquista, pois a eles foi prometido: “Ao vencedor concederei assentar-se comigo no meu trono, assim como Eu venci e Me assentei com meu Pai em seu trono” (Ap 3, 21). ✧



A Ressurreição de Cristo, por Niccolò di Pietro Gerini - Basílica da Santa Cruz, Florença (Itália)

Foto: Reprodução



Deus proverá a vitória final!

No momento marcado pela Providência serão dissipadas as nuvens com que se procura encobrir a verdade, a qual resplandecerá mais ainda, em futuro não muito distante.

A Santa Igreja de Cristo teve que combater e sofrer, em todos os tempos, contradições e perseguições pela verdade e pela justiça. Instituída por Ele próprio a fim de estender ao mundo o Reino de Deus, e por meio da luminosa lei evangélica conduzir a humanidade decaída a um destino sobrenatural, isto é, à aquisição dos bens imortais por Deus prometidos, mas superiores às nossas forças, lutou necessariamente contra as paixões que pulularam aos pés da antiga decadência e corrupção, a saber, contra o orgulho, a cupidez e o amor desenfreado dos gozos terrenos, e contra os vícios e desordens que daí procederam, os quais sempre encontraram na Igreja a mais poderosa barreira.

Não são, porém, essas perseguições motivo de espanto, se foram pelo Divino Mestre preditas e sabemos que durarão tanto quanto o mundo.

Divino sinal de contradição

Que disse Ele, com efeito, aos seus discípulos, enviando-os a espalhar o tesouro de sua doutrina a todos os povos? Ninguém o ignora: “Sereis perseguidos de cidade em cidade, sereis odiados e vilipendiados pelo meu nome, sereis arrastados aos tribunais e condenados ao suplício”. E, querendo encorajá-los à prova, apresentou-Se como exemplo: “Se o mundo vos odeia, sabeí que, primeiro que a

vós, Me odiou a Mim” (Jo 15, 18). Eis a alegria, eis a recompensa que lhes prometeu.

Ninguém, por certo, que possua o critério de uma justa e honesta estimação das coisas, saberá explicar o motivo desse ódio implacável. Que mal fez ou em que desmereceu o Divino Redentor? Descendo até aos homens pelo impulso de uma caridade infinita, ensinou uma doutrina imaculada, confortadora, efficacíssima para irmanar os homens na paz e no amor; não desejou grandezas terrenas nem honrarias, não usurpou o direito de ninguém; foi, ao contrário, infinitamente compassivo para os fracos, os doentes, os pobres, os pecadores e oprimidos, tendo passado a sua vida a espalhar, por entre os homens, prodigamente, os benefícios divinos.

Desnecessário se torna dizer que, pela excessiva malícia humana, tanto mais deplorável quanto mais injusta, tornou-Se Ele, como o profetizara o velho Simeão, um verdadeiro sinal de contradição (cf. Lc 2, 34).

A Igreja segue os passos de seu Mestre

Não admira, portanto, que a Igreja Católica, continuadora de sua missão divina e depositária incorruptível de sua verdade, tenha encontrado a mesma sorte de seu Mestre.

O mundo é sempre o mesmo; estão constantemente contra os filhos de

Deus os satélites desse grande inimigo do gênero humano que, rebelde ao Altíssimo desde o início, é designado no Evangelho como o príncipe deste mundo. Por isso, em face da lei e daquele que a apresenta em nome de Deus, sente o mundo revoltar-se, em desmedido orgulho, o espírito de uma independência a que não tem direito.

Ah! Quantas vezes, em tempos mais procelosos, coligaram-se, com inaudita crueldade e autêntica injustiça, seus inimigos, a fim de loucamente destruírem a obra divina, com evidente prejuízo para a comunhão social! [...]

O mal não prevalecerá contra ela!

Não queremos que o quadro da dolorosa condição presente venha abalar no ânimo dos fiéis a fé no auxílio divino; pois Deus proverá, a seu tempo, e por vias misteriosas, a vitória final.

Sentimo-nos contristados nos corações, mas não duvidamos, em absoluto, dos imortais destinos da Igreja. A perseguição, como dissemos a princípio, é sua herança, porque Deus lhe prepara bens mais altos e preciosos, provando e purificando seus filhos. Mas, permitindo as vexações e contrariedades, manifesta a sua divina assistência que lhe fornece novos e imprevistos meios de subsistir, dilatando-lhe a obra e impedindo que prevaleçam as forças conjuradas em seu dano. Dezenove séculos de vida,

através das vicissitudes humanas, atestam que as tempestades passam e não lhe abalam os fundamentos.

Bem podemos animar-vos, pois que o momento presente traz consigo outros sinais que mantêm inalterada a nossa fé. As dificuldades são formidáveis e extraordinárias, sem dúvida, mas os fatos que se desenrolam aos nossos olhos vêm atestar, ainda uma vez, que Deus cumpre suas promessas com bondade e sabedoria admiráveis. Não obstante as forças que contra ela conspiram, continua a Igreja, destituída de todo o auxílio e apoio humano, a estender sua ação aos mais diversos ambientes.

Não, o antigo príncipe deste mundo não mais poderá dominar como antes, pois foi expulso por Jesus Cristo, e as tentativas de Satanás, embora causem muitos males, jamais conseguirão o triunfo supremo. [...]

Muitos são os motivos de alento

É, com efeito, óbvio o renascimento e a reorganização de tantas associações que ora alegam a Igreja, semelhantes aos renovaos que brotam do tronco da árvore. Nenhuma forma de piedade cristã por ela é esquecida, quer para Jesus e os santíssimos mistérios da Fé, quer em louvor de sua Mãe Imaculada, quer ainda em honra dos Santos que mais brilharam por suas insígnies virtudes.

Ao mesmo tempo, nenhuma obra de beneficência é esquecida, pois de maneiras diversas se procura a educação religiosa da juventude, a assistência aos enfermos, a moralização do povo e o socorro às classes deserdadas. E com que rapidez se ampliaria este movimento, quão mais útil e fecundo haveria de ser, se lhe não

opusessem, frequentemente, injustos obstáculos e imposições hostis! [...]

As amarguras são, portanto, bastante suavizadas, e em meio do renhido combate muito temos com que nos alentar e esperar. Fato esse, em verdade, que deveria sugerir úteis reflexões ao observador inteligente e desapassionado, levando-o a entender que assim como Deus não abandonou o homem às suas próprias considerações a respeito do fim último da vida, mas lhe falou, assim ainda o faz em nossos dias, falando por sua Igreja, visivelmente amparada pelo auxílio divino, e por ela indicando onde se encontra a verdade e a salvação.

O triunfo não tardará

Essa perene assistência deve infundir em nossos corações a invencível esperança de que no momento marcado pela Providência serão dissipadas as nuvens com que se procura encobrir a verdade, a qual resplandecerá mais ainda, em futuro não distante, e o espírito do Evangelho reanimará os membros lassos e corrompidos desta sociedade transviada. [...]

*O doloroso quadro
que diante de nós se
apresenta não deve
abalar a fé no auxílio
divino; Satanás
jamais conseguirá
o triunfo supremo*

Basílica de Nossa Senhora
do Rosário, Caeiras (SP)

Todos podem cooperar nessa tarefa imperiosa e sumamente meritória: os doutos e os literatos com a apoloogia e a imprensa cotidiana, instrumento poderoso do qual tanto abusam os nossos adversários; os pais de família e os mestres, educando cristãmente a infância e a juventude; os magistrados e os representantes do povo, com a firmeza dos bons princípios e a integridade de caráter; todos, com o professor da própria fé, sem respeito humano. [...]

Eis o dever dos católicos; quanto ao sucesso final, depende d'Aquela que vela amorosa e sabiamente pela sua imaculada Esposa, e de quem está escrito: "Jesus Christus heri, et hodie; ipse et in saecula" (Hb 13, 8). ✧

Excertos de: LEÃO XIII.

Pervenuti all'anno

vigesimoquinto, 19/3/1902:

ASS 34 (1901-1902), 515-532

EVANGELHO



Jesus perdoa a mulher adúltera -
Paróquia de São Patrício, Massachusetts (EUA)

Naquele tempo, ¹ Jesus foi para o Monte das Oliveiras. ² De madrugada, voltou de novo ao Templo. Todo o povo se reuniu em volta d'Ele. Sentando-Se, começou a ensiná-los. ³ Entretanto, os mestres da Lei e os fariseus trouxeram uma mulher surpreendida em adultério. Colocando-a no meio deles, disseram a Jesus: ⁴ "Mestre, esta mulher foi surpreendida em flagrante adultério. ⁵ Moisés na Lei mandou apedrejar tais mulheres. Que dizes Tu?" ⁶ Perguntavam isso para experimentar Jesus e para terem motivo de O acusar. Mas Jesus, inclinándose, começou a escrever com o dedo no chão. ⁷ Como persistissem em interrogá-Lo, Jesus ergueu-Se e disse: "Quem dentre vós não tiver pecado, seja o primeiro a atirar-lhe uma pedra". ⁸ E tornando a inclinar-Se, continuou a escrever no chão. ⁹ E eles, ouvindo o que Jesus falou, foram saindo um a um, a começar pelos mais velhos; e Jesus ficou sozinho, com a mulher que estava lá, no meio do povo. ¹⁰ Então Jesus Se levantou e disse: "Mulher, onde estão eles? Ninguém te condenou?" ¹¹ Ela respondeu: "Ninguém, Senhor". Então Jesus lhe disse: "Eu também não te condeno. Podes ir, e de agora em diante não peques mais" (Jo 8, 1-11).

A Misericórdia em face da miséria

Com apenas uma condição, o perdão impactante,
inesperado e magnânimo do Filho de Deus foi concedido
a uma miserável pecadora, merecedora de morte temporal
e eterna. Que lição esse episódio traz para nós?

Mons. João Scognamiglio Clá Dias, EP



I – FAZER O BEM COMBATENDO O MAL

A Sagrada Revelação nos transmite em numerosas passagens do Novo Testamento a riqueza surpreendente da misericórdia de Nosso Senhor. No Evangelho deste 5º Domingo da Quaresma, entretanto, o perdão parece alcançar seu zênite ao se narrar o episódio da mulher surpreendida em adultério.

A cena dá-se no contexto da viagem de Jesus a Jerusalém por ocasião da festa dos Tabernáculos. Inicialmente o Divino Mestre, instado pelos familiares, recusa-se a subir com eles à Cidade Santa, pois ainda não havia chegado a sua hora (cf. Jo 7, 2-9). Todavia, a expectativa por sua eventual presença nas imediações do Templo era sobremaneira alta, como testemunha o próprio Evangelista: “Buscavam-No os judeus durante a festa e perguntavam: ‘Onde está Ele?’ E na multidão só se discutia a respeito d’Ele. Uns diziam: ‘É homem de bem’. Outros, porém, diziam: ‘Não é; Ele seduz o povo’” (Jo 7, 11-12).

Jerusalém, abarrotada de peregrinos provenientes da diáspora, está dividida em função de Jesus Nazareno. As elites e parte do povo antipatizam e denigrem o verdadeiro Messias, enquan-

to uma *sanior pars*, provavelmente a maioria, O escuta com entusiasmo.

De encontro ao combate

Nesse clima tenso e perigoso, Nosso Senhor comparece em Jerusalém de improviso, em meio aos festejos que se desenvolvem há alguns dias. Com seus ensinamentos extasia as multidões e neutraliza os objetores. Tal é a irradiação da majestosa bondade d’Ele que os guardas dos sacerdotes, incumbidos por seus chefes de prendê-Lo, voltam com as mãos vazias e cheios de encanto. Interrogados sobre o fracasso da empresa, apenas respondem: “Jamais homem algum falou como este Homem!...” (Jo 7, 46). A armadilha se tornara uma gloriosa vitória da Verdade sobre a hipocrisia!

Não parece descabido pensar que os fariseus e os escribas, irritados por verem Jesus escapar de suas garras, tenham forjado o caso da adúltera com o fim de O comprometer e desprestigiar, justificando desse modo sua captura perante o povo.

O episódio, porém, foi um autêntico fracasso para os seus urdidores. Nosso Senhor os dispersou infundindo-lhes o terror de serem desmascarados, razão pela qual, vitorioso mais uma vez, poderá Ele elevar o tônus de seu discurso e desvendar com rigorosa franqueza, diante de toda a

*Vendo-se
derrotados
pela majestade
de Nosso
Senhor Jesus
Cristo, seus
inimigos
procuravam
um meio de
desprestigiá-
-Lo diante
do povo*

Ao acusarem a adúltera diante de Jesus, os fariseus usaram de malícia e duplicidade, movidos por intenções dignas dos filhos do demônio

Opinião Pública, a malícia de seus adversários. Agindo dessa forma o Divino Mestre nos ensina ser impossível fazer o bem sem combater o mal.

Nos versículos sucessivos, Jesus afirmará a respeito dos chefes do povo: “Vós sois cá de baixo, Eu sou lá de cima. Vós sois deste mundo, Eu não sou deste mundo. Por isso vos disse: morrereis no vosso pecado; porque, se não crerdes que Eu sou, morrereis no vosso pecado” (Jo 8, 23-24). E ainda declarará com arrepiante severidade: “Vós tendes como pai o demônio e quereis fazer os desejos de vosso pai. Ele era homicida desde o princípio e não permaneceu na verdade, porque a verdade não está nele. Quando diz a mentira, fala do que lhe é próprio, porque é mentiroso e pai da mentira” (Jo 8, 44).

Assim, o triunfo de Jesus sobre a malícia dos fariseus e dos escribas no caso da adúltera permitiu-Lhe fazer a mais implacável denúncia profética, instando o povo a optar a favor d’Ele e contra os seus detratores.

II – COMOVENTE E EFICAZ PERDÃO

A cena narrada no Evangelho deste domingo é de uma grandeza rutilante. Nela brilham virtudes aparentemente opostas como a misericórdia levada a um extremo altamente consolador para os pecadores, e a justiça com que Nosso Senhor ameaça desmascarar, qual novo e divino Daniel, os crimes ocultos dos fariseus e os obriga a fugir de sua presença impelidos por um medo irresistível.

O crisma do perdão

Naquele tempo, ¹Jesus foi para o Monte das Oliveiras. ²De madrugada, voltou de novo ao Templo. Todo o povo se reuniu em volta d’Ele. Sentando-Se, começou a ensiná-los.

Nosso Senhor costumava sacrificar o sono a fim de entregar-Se à oração. Como seria a intimidade que então se estabelecia entre a humanidade santíssima do Salvador, livre das distrações da ação apostólica, e seu amado Pai? É-nos impossível imaginá-la, mas o simples fato de levantar a questão nos aproxima de um patamar elevadíssimo e nos enche de temor e enlevo.

Muito simbólico é o pormenor de Jesus ter escolhido, antes de manifestar seu perdão de um modo *éclatant*, o Monte das Oliveiras para recolher-Se. Alcuíno¹ explica que, em grego, as palavras *oliveira* e *misericórdia* possuem a mesma raiz. Assim, a misericórdia seria como o bálsamo perfumado de Deus que cura, purifica e reergue os pecadores.

Após o período de sacrossanto isolamento, Nosso Senhor desce ao Templo a fim de ensinar o povo. As pessoas acudiam em massa, sedentas de ouvir o Mestre: estava criado o ambiente para uma das mais tocantes manifestações da indulgência do Senhor.

Malícia e duplicidade dos filhos do demônio

^{3a}Entretanto, os mestres da Lei e os fariseus trouxeram uma mulher surpreendida em adultério.



Os fariseus acusam a adúltera, detalhe de “Cristo e a adúltera”, por Belisario Corenzio - Cartuxa de São Martinho, Nápoles (Itália)

A respeito do crime de adultério, a Escritura era peremptória: “Se um homem cometer adultério com uma mulher casada, com a mulher de seu próximo, o homem e a mulher adúltera serão punidos de morte” (Lv 20, 10; cf. Dt 22, 22). Neste episódio que nos ocupa, porém, os denunciadores só apresentam a mulher e não seu comparsa, detalhe determinante para quem conhece a malícia diabólica e a duplicidade viperina dos mestres da Lei e fariseus.

Embora a culpa da desventurada adúltera fosse real, a maneira de expor o caso é maliciosa, toda ela envolta nas brumas da mentira. Com efeito, bastava que duas pessoas testemunhassem o nefando pecado da traição conjugal para que o apedrejamento dos faltosos se desse. E os primeiros a jogar as pedras deviam ser justamente os que haviam flagrado o deplorável fato. Por que os fariseus arrastaram a acusada sem apresentar seu cúmplice e omitiram a identidade das testemunhas? Atrás desse modo de agir pouco reto, ocultavam-se sem dúvida péssimas intenções, dignas dos filhos do demônio.

Com quem é puro Tu és puro, mas com o perverso...

^{3b}Colocando-a no meio deles, disseram a Jesus: ⁴“Mestre, esta mulher foi surpreendida em flagrante adultério. ⁵Moisés na Lei mandou apedrejar tais mulheres. Que dizes Tu?”

Os fariseus, em seu orgulho, pensaram lograr o próprio Filho de Deus... De fato, a armadilha por eles preparada era ardilosa até o último ponto.

Nosso Senhor era o Redentor, o Profeta da bondade divina, o Médico vindo para salvar os enfermos (cf. Mc 2, 17). Mas não só. Ele era também o Mestre reto e justo, que não pretendia mudar nem atenuar a Lei, e sim levá-la ao pleno cumprimento (cf. Mt 5, 17). Assim, colocá-Lo na alternativa de perdoar a adúltera violando a Lei ou executar os ditames de Moisés sem conceder sua misericórdia, significava deixá-Lo numa situação assaz delicada, cuja solução sempre prejudicaria sua imagem, que os fariseus queriam a todo custo desprestigiar.

E havia ainda uma agravante: se Ele optasse por aplicar a Lei em seu rigor, o que parecia mais provável pelo calor e evidência dos fatos, infringiria a lei romana, a qual declarava a pena de morte competência exclusiva do procurador imperial (cf. Jo 18, 31).



Os fariseus acusam a adúltera, detalhe de “Cristo e a adúltera”, por Belisario Corenzio - Cartuxa de São Martinho, Nápoles (Itália)

Francisco Lecaros

Contudo, embora pareça genial a cilada armada pelos mestres da Lei e pelos fariseus, a astúcia divina, aliada à mais rutilante retidão, vencerá as tramas dos ímpios de forma esplêndida, conforme anunciara o salmista: “És puro com quem é puro, mas astuto com quem é mau” (Sl 17, 27).

Não tentarás o Senhor, teu Deus

⁶Perguntavam isso para experimentar Jesus e para terem motivo de O acusar. Mas Jesus, inclinando-Se, começou a escrever com o dedo no chão.

Ofuscados pelo orgulho que os levava a acharem-se os mais espertos, os fariseus tentam o Filho de Deus, incorrendo assim num pecado horrível, que será devidamente punido.

Jesus, que estava sentado enquanto ensinava o povo, inclinou-Se em silêncio e Se pôs a escrever com o dedo no chão. Essa é a única ocasião em que, segundo consta nos Evangelhos, Ele escreveu algo, e o fez para humilhar e desmascarar os inimigos da verdade.

Muitas são as interpretações sobre esse gesto divino. Alguns autores julgam que Jesus escreveu os pecados daqueles perversos fariseus; outros, que simplesmente os ignorou agindo assim. Quiçá nos vaticínios do profeta Jeremias se encontre uma chave mais adequada para interpretar essa atitude do Divino Mestre: “A esperança de Israel és Tu, Senhor, os que Te abandonam

‘Eis a única ocasião em que Nosso Senhor escreveu algo, e o fez para humilhar e desmascarar os inimigos da verdade

*“Quem dentre
vós não tiver
pecado...”
O Divino
Legislador
exigia a
inocência dos
costumes e a
santidade de
vida daqueles
corações
endurecidos*

ficarão frustrados, os que de Ti se afastam serão inscritos no pó, porque abandonaram o Senhor, a fonte de água viva” (Jer 17, 13).

Uma sentença inesperada, sábia e terrível

⁷Como persistissem em interrogá-Lo, Jesus ergueu-Se e disse: “Quem dentre vós não tiver pecado, seja o primeiro a atirar-lhe uma pedra”. ⁸E tornando a inclinar-Se, continuou a escrever no chão.

Os fariseus, seguros de si e ignorando o sentido do gesto de Nosso Senhor, continuam com teimosia a interrogá-Lo. A presunção toldava as vistas interiores daqueles desventurados, reduzindo-os à estultice. Desse modo, estavam prontos para cair na armadilha que eles mesmos haviam montado.

Jesus, pelo contrário, atua com sagacidade divina, absoluta superioridade e segurança. Ele Se ergue num gesto impregnado de grandeza e profetismo e, fixando seu olhar divino naqueles celebrados, afirma: “Quem dentre vós não tiver pecado, seja o primeiro a atirar-lhe uma pedra”. Para o Divino Legislador não parecia suficiente terem testemunhado o ato delitivo para proceder à lapidação da ré. Ele exigia a inocência dos costumes e a santidade de vida, ciente do terrível embaraço em que punha aqueles corações endurecidos no pecado.

A cena termina com Jesus voltando a escrever no chão, desta vez com a intenção de fazer entender aos mestres da Lei e aos fariseus o que seu gesto queria significar. Tratava-se de um verdadeiro juízo simbólico, bastante claro para um conhecedor das Escrituras. E eles parecem ter compreendido bem e agido em consequência.

O Divino Daniel

⁹E eles, ouvindo o que Jesus falou, foram saindo um a um, a começar pelos mais velhos; e Jesus ficou sozinho, com a mulher que estava lá, no meio do povo.

A resposta de Nosso Senhor encheu de pavor os escribas e fariseus, até esse momento fanfarrões e presunçosos. A palavra do Verbo Encarnado, divinamente aguçada, agiu com mais eficácia que a mais deletéria das armas: ao ouvir aquela réplica, os adversários de Jesus foram atravessados pela espada da consciência, a qual os acusava de crimes mais horrendos e numerosos que os da miserável pecadora por eles denunciada.

Terão eles se lembrado do profeta Daniel e da casta Susana? Com efeito, esse predileto de Deus, jovem mas cheio de zelo pela justiça, desfez com fino discernimento as tramas de dois velhos juízes encarquilhados na luxúria, que tentaram condenar a inocente dama.

Temiam os fariseus e mestres da Lei serem des-

cobertos pelo discernimento de Jesus? Tudo aponta nesse sentido. Os milagres que operava, a sabedoria de suas palavras, o acerto de suas predições O configuravam como um profeta muito superior a Daniel. Não poderia Ele, diante do povo ali reunido, desmascará-los e deixar sua vergonha em evidência? Para que teria servido o abjeto véu da hipocrisia com que procuravam encobrir seus crimes? O certo é que “foram saindo um a um, a começar pelos mais velhos”.



“Cristo e a mulher adúltera”, por Nicolas Colombel -
Museu de Belas Artes, Rouen (França)



"Susana ante Daniel", por Sebastiano Ricci -
Galeria Sabauda, Turim (Itália)

Esplêndida vitória de Jesus! Todavia, Ele não quis revelar em público as transgressões daqueles velhacos, a fim de dar-lhes uma nova oportunidade de se converterem, oportunidade essa que seria rejeitada mais uma vez.

Em decorrência das palavras de Nosso Senhor a situação inverteu-se por completo. Os acusadores se retiraram amarfanhados, enquanto a mulher culpável, reconhecendo a autoridade judicial do Redentor, permaneceu diante d'Ele à espera de uma sentença. É difícil aquilatar os sentimentos de arrependimento, temor, esperança e pavor que assaltavam o coração da adúltera ao ver-se livre de seus encarniçados denunciadores, sozinha em meio à multidão, olhando para Aquele que podia salvá-la ou condená-la. Dava-se, assim, o comovente e sublime encontro da miséria com a Misericórdia.

Perdão generoso, arrependimento sério

¹⁰ Então Jesus Se levantou e disse: "Mulher, onde estão eles? Ninguém te condenou?"

¹¹ Ela respondeu: "Ninguém, Senhor". Então Jesus lhe disse: "Eu também não te condeno. Podes ir, e de agora em diante não peques mais".

Depois de dispersar seus inimigos, Nosso Senhor levantou-Se. O modo de Ele pronunciar sentença é de uma perfeição absoluta, como se dis-

sesse: "Já que teus detratores se retiraram carregados de crimes, Eu, que sou a Inocência e o Deus salvador, também não te condeno. Não lembras do que afirmei pelos lábios de Ezequiel? 'Terrei Eu prazer com a morte do malvado? – oráculo do Senhor Javé – Não desejo Eu, antes, que ele mude de proceder e viva?' (Ez 18, 23). E ainda: 'Por minha vida – oráculo do Senhor Javé –, não Me comprazo com a morte do pecador, mas antes com a sua conversão, de modo que tenha a vida. Convertei-vos! Afastai-vos do mau caminho que seguís; por que haveis de perecer, ó casa de Israel?' (Ez 33, 11). Por isso, filha, Eu te digo: podes ir e, de agora em diante, não peques mais. Deixa as vias do vício e enceta a estrada que leva a meu Reino. O perdão que agora te concedo por tua transgressão custar-Me-á a vida, mas Eu sou o Bom Pastor e vim para derramar todo o meu Sangue pelas ovelhas tresmalhadas".

Jesus mostra sua compaixão pelo pecador, mas deixa claro o quanto aborrece o pecado, e ordena à adúltera, com grave bondade, não mais desobedecer aos Mandamentos de seu Pai. Com efeito, a melhor penitência consiste em nunca retornar às faltas passadas.

Pode-se supor que, junto com suas palavras, Nosso Senhor tenha infundido na alma da infeliz uma graça sincera, séria e profunda de dor pelo mal realizado, assim como uma força eficaz para a prática da virtude da continência. Aquele que estava morto pela culpa, tornou à vida pelo

*Teriam eles
se lembrado
do profeta
Daniel e da
casta Susana?
A sabedoria
de Jesus e seus
milagres O
configuravam
como um
profeta muito
superior...*



Reprodução

Sacramento da Penitência, por Francesco Novelli

*Aquela que
estava morta
pela culpa
tornou à vida
pelo perdão!
Assim
também
ocorre conosco,
quando
recorremos com
sinceridade ao
Sacramento
da Confissão*

perdão; sua imundície foi transformada em virtude pela Fonte das águas vivas.

III – NÃO PEQUEMOS MAIS!

O pecado, de qualquer gênero que seja, pode ser comparado ao adultério. Nas Sagradas Escrituras com frequência se associa a idolatria à infidelidade conjugal, sapiencialmente detestada a partir da Lei Mosaica. Tal relação tem um profundo significado, que merece nossa atenção.

O Primeiro Mandamento prescreve um amor total, incondicional e exclusivo a Deus. O próprio Nosso Senhor o recorda com grande ênfase: “O primeiro de todos os mandamentos é este: ‘Ouve, Israel, o Senhor, nosso Deus, é o único Senhor; amarás ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma, de todo o teu espírito e de todas as tuas forças’” (Mc 12, 29-30). Esse amor deve nos ligar a Deus por uma união toda espiritual, mais íntima e sagrada que a dos esposos no casto matrimônio.

No extremo oposto, Santo Agostinho² define o pecado como uma aversão a Deus e uma inclinação para as criaturas. Assim, voltar as costas ao Todo-Poderoso a fim de idolatrar em seu lugar seres contingentes, é uma traição similar ao adultério, pois significa deixar o único e verdadeiro Amor para seguir o efêmero, o caduco, o enganoso. Nesse sentido, nós ofendemos a Deus com nossas faltas de um modo semelhante ou pior que a adúltera com sua concupiscência.

Ponhamo-nos no lugar daquela pobre mulher. Réus pelo pecado, podemos ter merecido o inferno em mais de uma ocasião, quando não muitas vezes. O medo da lapidação é uma banal sombra se comparado à luz do salutar temor que deve inspirar em nós o pensamento do castigo eterno, do fogo e do ranger de dentes, assim como da pena de dano, que consiste em permanecer inimigo de Deus para todo o sempre. Seguramente, a iminência de ver-se sepultada sob uma chuva de pedras levou a culpada a refletir. Como não pensaremos nós nas consequências de uma morte em pecado mortal?

De outra parte, consideremos a utilidade da humilhação. Quantos não julgam insuportável rebaixar-se a ponto de declarar suas faltas a um sacerdote? Entretanto, pensemos no bem que fez à adúltera ver-se incriminada em público, diante da multidão que a olhava com repulsa. É melhor humilhar-se nesta vida, do que sofrer o desprezo dos Anjos e Bem-Aventurados por toda a eternidade. Bendito Sacramento da Confissão! Basta sermos sinceros e nos acusarmos com simplicidade, para que o coração de Deus mude a nosso respeito e, em vez de ouvir uma sentença de condenação, escutemos a suave e paterna fórmula da absolvição.

Assim será desde que estejamos dispostos a não mais pecar!

E nossa conversão poderá ser facilitada pelo fato de contarmos com o auxílio de Nossa Senhora. Ela foi o presente régio e insuperável que, num extremo de comiseração, o Bom Pastor nos deu no alto da Cruz. Graças à mediação onipotente de Maria, não há pecado que não obtenha perdão largo e imediato, nem pecador que não possa santificar-se do modo mais perfeito. Confiemos em seu Coração materno e imaculado, o qual é a expressão de sua bondade inefável, de sua doçura inenarrável, de sua misericórdia inesgotável. ✧

¹ Cf. ALCUÍNO, apud SÃO TOMÁS DE AQUINO. *Catena Aurea. In Ioannem*, c.VIII, v.I-11.

² Cf. SANTO AGOSTINHO. *De libero arbitrio*. L.I, c.16, n.35. In: *Obras*. 3.ed. Madrid: BAC, 1963, v.III, p.245.

Um olhar que pode nos salvar

Plínio Corrêa de Oliveira

Nossa Senhora tem olhos de misericórdia, e um simples olhar d'Ela pode nos salvar. Sua doçura é invariável, seu auxílio ilimitado, pronto a nos atender a qualquer momento, sobretudo nas dificuldades de nossa vida espiritual. Estas costumam ser de duas ordens.

Em primeiro lugar, a crise que se poderia chamar clássica, quando a pessoa sente-se tentada e, portanto, hesitante entre o bem e o mal, com a possibilidade de ser arrojada no precipício do pecado de um momento para outro. Parece bem evidente que Maria é nosso auxílio, na plenitude do termo, nessas circunstâncias.

Contudo, a solicitude da Mãe de Misericórdia volta-se também para aquele que se encontra em apuro espiritual muito mais grave, e que se traduz por esta súplica:

“Minha Mãe, eu, sucumbindo ao peso da tentação, não andei bem. Pequei. Tenho o receio de me habituar ao pecado e de nele me embrutecer. Por outro lado, imensa é a minha vontade de me regenerar. Sei que não mereço a vossa proteção, mas, porque sois a Auxiliadora de todos os cristãos, não apenas dos bons, senão até dos mais miseráveis, peço-Vos: vinde e auxiliai-me”.



Gustavo Kralj

Neste caso, é o próprio fato de se ter caído em pecado que se alega diante de Nossa Senhora, como razão para obter seu socorro. Trata-se do desamparado que encontra no seu infortúnio o motivo pelo qual deve implorar a misericórdia de Maria.

Está na missão da Santíssima Virgem, é o movimento profundo de seu Coração materno, reconciliar os pecadores com Deus. Porque a mãe tem bondades, ternuras, indulgências e paciências que outros não possuem.

Ela pede, então, a seu Divino Filho por nós, e nos obtém uma série de graças, um sem-número de perdões que jamais alcançaríamos sem a sua intercessão.

Assim, é com toda a confiança que devemos nos dirigir a Ela, constantemente, suplicando-Lhe: “Voltei sobre nós, ó Mãe, esses vossos olhos de misericórdia!” ✧

Extraído de: “Vossos olhos misericordiosos a nós voltei...”.

In: *Dr. Plínio*. São Paulo. Ano II. N.10 (jan., 1999); p.28

A Virgem e o Menino -
Metropolitan Museum
of Art, Nova York

O encontro entre dois pontífices

Em uma das cenas mais grandiosas da História, o pontífice transitório se depara com o Pontífice Eterno; o sumo sacerdote da Antiga Lei, com o Sumo Sacerdote da Nova Aliança; um cristo, com o Cristo; a pré-figura, com a sua realização.

Nelson José Camilo López



Percorrendo as páginas dos Evangelhos, facilmente nos emocionamos ao contemplar as maravilhas que nosso Salvador realizou quando “Se fez carne e habitou entre nós” (Jo 1, 14). Movido por um amor infinito, trouxe-nos a Boa-Nova e a certificou com inúmeros milagres, os quais não se limitavam a restituir um bem-estar natural a quem necessitava, mas tinham por principal intuito restaurar nas almas a união com seu Criador, perdida pelo pecado.

*O sumo sacerdote
deveria servir
de ponte entre os
homens e Deus, isto
é, ser a pré-figura
d'Aquele que uniria
o Céu e a terra*

Nosso Senhor ante Caifás - Paróquia
São Gonçalo, Sevilha (Espanha)

Com efeito, era chegada a “plenitude dos tempos” (Gal 4, 4) e a humanidade seria objeto da maior prova do amor divino: a Redenção operada pelo Verbo Encarnado, que se cumpriria na hora entre todas bendita do “*Consummatum est*” (Jo 19, 30).

Entretanto, quis Nosso Senhor que tão sublime reconciliação fosse prenunciada de várias maneiras. Uma delas foi o estabelecimento do sacerdócio levítico em Aarão, por intermédio de Moisés, instituição que deveria preparar a manifestação do sacerdócio eterno de Jesus ao mundo.

Bem diversa, porém, foi a atitude das autoridades religiosas de Israel, cuja rejeição aos planos da Providência a seu respeito se consumaria com o julgamento do Filho de Deus, no início da Paixão.

***Sacerdócio levítico, pré-figura
do sacerdócio eterno***

A instituição do sacerdócio levítico visava constituir varões que servissem de ponte entre os homens e Deus, em outras palavras, que fossem pré-figuras d'Aquele que uniria efetivamente o Céu e a terra.

Tal missão se aplicava sobretudo ao sumo sacerdote, designado, por

essa razão, com o termo *pontífice*, cuja etimologia é *fabricador de pontes*. Cabia a ele a preeminência entre os levitas (cf. Lv 21, 10).

Ao ser consagrado, o pontífice era ungido com óleo (cf. Lv 8, 12; Nm 3, 3). Dessa forma, sob certo aspecto ele podia ser considerado como um *cristo* – que em grego quer dizer *ungido* –, o que lhe conferia mais um traço prefigurativo do Messias.

Inicialmente, o cargo era vitalício e de sucessão hereditária. Ademais, a função cabia à descendência de Aarão, e não a qualquer levita. Contudo, a sequência foi interrompida na época dos Macabeus, quando Jônatas assumiu o pontificado (cf. I Mac 10, 20).

Mais tarde Herodes, o Grande, eliminaria seu caráter vitalício e, na época de Nosso Senhor, tal dignidade era praticamente comprada ao poderio romano, que dominava a Judeia. Dessa forma, o sumo sacerdócio distanciou-se enormemente do desígnio que Deus lhe delineara na Lei Mosaica.

Sumo sacerdote no momento auge da História

Três Evangelhos mencionam nominalmente Caifás (cf. Mt 26, 3.57; Lc 3, 2; Jo 11, 49; 18, 13) como sumo sacerdote em função durante a vida pública do Salvador, razão pela qual convém deitar atenção em sua figura.

Seria ele um pontífice legítimo? São João admite que sim (cf. Jo 11, 51). Não obstante, uma coisa é certa: a partir do momento em que se voltou contra Jesus Cristo, negando ser Ele o Messias, tornou-se um usurpador.

Casado com a filha de Anás – antigo pontífice –, foi nomeado sumo sacerdote por Valério Grato. Os irmãos Lémann,¹ judeus conversos e sacerdotes de Cristo, situam seu pontificado entre os anos 25-36 d.C. Foi deposto no ano 36 por Vitélio, governador da Síria, ao mesmo tempo que Pilatos.

Um aspecto que chama a atenção é a sua longa permanência no cargo: seus três predecessores não conseguiram conservar tal dignidade por mais de um ano, e algo semelhante aconteceu com seus cinco sucessores imediatos.

Sendo o sumo sacerdote naquele momento auge da História da humanidade, não teria ele uma vocação singular? É-nos legítimo ponderar qual seria o chamado dessa alma. Se Caifás houvesse correspondido à graça, que maravilhas poderiam ter acontecido? Ele deveria ser, a todos os títulos, um *pontífice*, pois cabia-lhe construir a ponte entre o sacerdócio antigo e o novo. Certamente, era seu dever submeter-se com humildade a Nosso Senhor, e como que depositar a seus pés a milenar instituição do sacerdócio, que em breve seria elevada à categoria de Sacramento.

Aconteceu, porém, exatamente o contrário: ele desatou uma perseguição ferrenha contra Aquele que, segundo erroneamente julgava, ameaçava a sua estabilidade no pontificado e, por fim, conseguiu prendê-Lo, com o plano de condená-Lo à morte.

Dois pontífices se encontram

Chegada a hora do juízo, deu-se o encontro entre dois pontífices. Com efeito, era o sumo pontífice transitório que se deparava com o Eterno Pontífice, o sumo sacerdote da Antiga Lei com o Sumo Sacerdote da

Nova Aliança (cf. Hb 9, 15), um cristo com o Cristo, a pré-figura com a sua plena realização.

O pretense julgamento teve lugar na casa do próprio Caifás, onde estava reunido o Sinédrio para arrancar a qualquer preço a condenação do Justo, ainda que para isso fossem necessárias numerosas infrações jurídico-religiosas.²

Artimanha após artimanha, não pouparam os membros dessa perversa assembleia esforços para alcançar seus objetivos. O pontífice, assim como a hierarquia sinédrita, estava transpassado de medo, insegurança e pressa, o que o levou a agir com imprudência.

Subornaram homens para fornecer falsos depoimentos. “Aquele desfile de ‘falsas testemunhas’, cuja fraude era conhecida, como aponta clara-



*Ao voltar-se contra
Nosso Senhor
Jesus Cristo,
negando ser Ele
o Messias,
Caifás tornou-se
um usurpador*

Os que haviam prendido Jesus levaram-No à casa do sumo sacerdote Caifás, onde estavam reunidos os escribas e os anciãos do povo. Pedro seguia-O de longe, até o pátio do sumo sacerdote. Entrou e sentou-se junto aos criados para ver como terminaria aquilo.

Enquanto isso, os príncipes dos sacerdotes e todo o conselho procuravam um falso testemunho contra Jesus, a fim de O levarem à morte. Mas não o conseguiram, embora se apre-

sentassem muitas falsas testemunhas. Por fim, apresentaram-se duas testemunhas, que disseram: “Este Homem disse: ‘Posso destruir o Templo de Deus e reedificá-lo em três dias’”.

Levantou-se o sumo sacerdote e lhe perguntou: “Nada tens a responder ao que essa gente depõe contra Ti?” Jesus, no entanto, permanecia calado. Disse-Lhe o sumo sacerdote: “Por Deus vivo, conjuro-Te que nos digas se és o

Cristo, o Filho de Deus?” Jesus respondeu: “Sim. Além disso, Eu vos declaro que vereis doravante o Filho do Homem sentar-Se à direita do Todo-Poderoso, e voltar sobre as nuvens do Céu”.

A estas palavras, o sumo sacerdote rasgou suas vestes, exclamando: “Que necessidade temos ainda de testemunhas? Acabastes de ouvir a blasfêmia! Qual o vosso parecer?” Eles responderam: “Merece a morte!” (Mt 26, 57-66).

mente São Mateus (cf. Mt 26, 59-60), acusa uma perversidade e uma deformação moral inconcebíveis”.³

Não conseguindo o que desejava através dessa manobra, Caifás lançou uma nova investida, também ilícita, para obrigar o Salvador a declarar contra Si mesmo: “Por Deus vivo, conjuro-Te que nos digas se és o Cristo, o Filho de Deus” (Mt 26, 63).

Constranger alguém a confessar em favor de sua própria condenação é uma atitude completamente ilegítima. Nosso Senhor responde, não por respeito a uma autoridade que carecia de direito a interrogar, mas porque, naquela ocasião, seu silêncio equivaleria a uma retratação.

Assim que Jesus afirma taxativamente ser o Filho de Deus, Caifás, dominado pela ira, rasga suas vestes como se tivesse ouvido uma blasfêmia. Muito profundo é o comentário de São Jerônimo a este respeito: “O príncipe dos sacerdotes rasga suas vestes para manifestar que os judeus haviam perdido a glória do sacerdócio e que os pontífices têm sede vacante”.⁴

De onde provinha tanto ódio?

Diante dessa cena, podemos nos perguntar de onde nasceu, não só em

Caifás mas também nos demais sacerdotes, tanto ódio em relação Àquele que era a “esperança de Israel” (At 28, 20).

Alguém poderia alegar que eles não tinham conhecimento de ser Nosso Senhor, de fato, o Messias que devia vir ao mundo. Afinal de contas, Ele próprio não pediu perdão por seus algozes porque não sabiam o que faziam? A respeito desse pedido de Jesus – as primeiras palavras proferidas por Ele na Cruz –, distingue São Tomás de Aquino⁵ que a culpa pela condenação do Divino Mestre recaiu de forma distinta sobre dois tipos de pessoas: o povo e as autoridades religiosas.

Os primeiros pediram sua Morte porque foram arrastados pelos seus chefes. Entretanto, Nosso Senhor afirma serem eles culpados – apesar de sua ignorância –, pois ninguém pede perdão por alguém que não cometeu falta alguma. Com efeito, quantos dos que haviam sido curados, exorcizados e perdoados pelo Bom Pastor não gritaram: “Crucifica-O”? Só Deus o sabe...

Por outro lado, as autoridades judaicas, em função dos conhecimentos que possuíam sobre as profecias e as Escrituras Sagradas, tinham ele-

mentos para reconhecer em Jesus o Messias. E os inúmeros milagres por Ele operados o ratificavam até a saciedade, como confirmam os próprios sumos-sacerdotes ao declarar que Nosso Senhor devia morrer pois, caso contrário, todos acreditariam n’Ele (cf. Jo 11, 48). Ademais, nas últimas lides verbais com esses seus contendores antes da Paixão, o Salvador não poupou argumentos teológicos e filosóficos que, tendo-os deixado sem resposta, eram mais do que suficientes para finalmente convencê-los da divindade de sua Pessoa e missão.

Ofuscados pelo ódio e pela inveja, preferiram não acreditar que Ele era o Filho de Deus, incorrendo numa ignorância culposa, a qual agravava ainda mais seu pecado. Por essa razão, o Doutor Angélico conclui que as palavras do Divino Crucificado se aplicavam às classes inferiores do povo, e não aos príncipes dos judeus.⁶

Uma sentença sem valor?

Segue-se a condenação de Jesus, concluindo aquele julgamento “sem valor moral algum em seus juízes nem valor jurídico em sua sentença”,⁷ nas palavras dos irmãos Lémann.

A opinião dos dois estudiosos é inteiramente razoável. Mas será absoluta sob todos os pontos de vista? Pelo prisma jurídico, a condenação de Nosso Senhor careceu de qualquer valor. Entretanto, será que aquele pecado imenso, perpetrado com requintes de maldade, não teve peso em outro campo? Semelhante condenação não haveria de acarretar sérias consequências?

Um pequeno detalhe consignado no Evangelho de São João talvez deite luz sobre o assunto: o Apóstolo Virgem não narra o julgamento ocorrido na casa de Caifás, mas apenas o menciona (cf. Jo 18, 24.28). Por que este silêncio, justo da parte do Evangelista que descreve a Paixão com maior riqueza de pormenores?

Comenta o Pe. Ignace de La Potterie⁸ que não é fácil interpretar um silêncio, pois existem múltiplas razões para não se falar de algo. Sem embargo, ele levanta a hipótese de que, diferentemente dos outros Evangelistas, os quais procuram ressaltar o aspecto fraudulento do juízo, o Discípulo Amado o considera por uma perspectiva mais alta.

Enquanto a trama histórica nos apresenta a infame condenação do Justo, a reflexão teológica aponta para uma realidade bem diversa: toda

a Paixão foi um julgamento, no qual Nosso Senhor era o verdadeiro Juiz, e o réu era o mundo (cf. Jo 12, 31). Os vaivéns do iníquo processo pouco interessavam a São João, pois ele sabia ver, por cima daqueles fatos, as im-

plicações sobrenaturais do que estava se passando: quando Caifás e as demais autoridades judaicas clamavam pela Crucifixão do Homem-Deus, atraíam sobre si próprios a sentença de condenação.



Jesus diante de Caifás, por Martín Schongauer - Museu Unterlinden, Colmar (França)

Na realidade, toda a Paixão foi um julgamento, no qual Nosso Senhor Jesus Cristo era o verdadeiro Juiz, e o réu era o mundo

Apesar de tudo, Deus sempre vence!

Lamentavelmente, Caifás e os demais príncipes dos sacerdotes não foram fiéis ao cargo que Deus lhes confiara de conduzir o povo Àquele que é “o Caminho, a Verdade e a Vida” (Jo 14, 6). Pelo contrário, eles O rejeitaram com ódio mortal e, por meio de um injusto juízo, condenaram à morte o Juiz Supremo, imaginando obter assim a sua derrota completa.

Contudo, ainda que os inimigos de Deus multipliquem suas conspirações, Ele não deixará

de realizar os seus planos. Em verdade, com a Paixão, Morte e Ressurreição de Jesus Cristo, as profecias atingiram seu máximo cumprimento. Ao ser ultrajado, insultado, esbofeteado, condenado, açoitado, coroado de espinhos e finalmente crucificado e morto, Nosso Senhor obteve a maior vitória da História: Ele não só restaurou a união da humanidade pecadora com Deus, desempenhando plenamente seu papel de Sumo Pontífice, como também nos abriu as portas do Céu. ✨

¹ Cf. LÉMANN, Augustin; LÉMANN, Joseph. *Valeur de l'assemblée qui prononce la peine de mort contre Jésus-Christ*. 3.ed. Paris: Victor Lecoffre, 1881, p.32.

² A respeito das transgressões que tornavam inválido o processo que condenou a Cristo, conferir o artigo: VIETO RO-

DRÍGUEZ, Santiago. O mais injusto e infame juízo da História. In: *Arautos do Evangelho*. São Paulo. Ano XVII. N.195 (mar., 2018); p.16-19.

³ CASTRILLO AGUADO, Tomás. *Enemigos de Jesús en la Pasión, según los Evangelios*. Madrid: FAX, 1960, p.104.

⁴ SÃO JERÔNIMO. Comentário a Mateo. L.IV (22,41-28,20), c.26, n.261. In: *Obras Completas*. Madrid: BAC, 2002, v.II, p.391.

⁵ Cf. SÃO TOMÁS DE AQUINO. *Suma Teológica*. III, q.47, a.5-6.

⁶ Cf. Idem, a.6, ad 1.

⁷ LÉMANN; LÉMANN, op. cit., p.108.

⁸ Cf. LA POTTERIE, Ignace de. *La Pasión de Jesús según San Juan. Texto y espíritu*. Madrid: BAC, 2007, p.52-54.



“Eu vou ser uma freira famosa!”

Sonhando com os palcos de Hollywood, uma talentosa jovem recebeu uma proposta inesperada... Ela só não imaginava que, por trás desse convite, estava a mão da Providência desejosa de atraí-la para Si.



Ir. Diana Milena Devia Burbano, EP

Em pleno século XXI, a mais de dois mil anos do supremo Sacrifício operado no Calvário, muitas vezes julgamos que a santidade é um ideal passado, incompatível com a vida de nossos dias, inatingível em meio à globalização, impensável no mundo das mensagens instantâneas e das redes sociais.

Era isso o que também pensava uma dissipada jovem irlandesa até que, numa Sexta-Feira Santa, o olhar do Crucificado mudou os rumos de sua vida...

Uma irlandesa talentosa

Clare Theresa Crockett nasceu na cidade de Derry, norte da Irlanda, no dia 14 de novembro de 1982. Primeira filha do casal Gerard Crockett e Margaret Doyle, desde cedo mostrou possuir um caráter forte, encantador e vivaz. Cheia de dotes e talentos naturais, espargia uma alegria contagiante e estava sempre rodeada de amigos, ainda que seu temperamento fogoso provocasse, muitas vezes, brigas e desentendimentos...

Atriz nata, acostumada a ser o centro das atenções e conhecida como uma criança desafiante, Clare punha seus professores em dificuldade com suas engenhosas saídas. Muito inteligente, levava bem seus estudos sem grandes esforços. Contudo, às vezes utilizava métodos pouco louváveis: em certa ocasião, chegou a roubar o livro de respostas da professora, para fazer com mais rapidez as lições...

Como era de se esperar, Clare nem sempre usava suas capacidades para o bem. Aproveitava-se delas também para mentir, fingir, dramatizar... Para ela, tudo estava justificado quando se tratava de alcançar seus objetivos.

A menina cresceu num ambiente com laivos de catolicidade, até que sua família foi acometida por certas adversidades que a levaram a um profundo afastamento da Fé. Apesar de continuar cumprindo alguns deveres religiosos que seus pais lhe exigiam por conveniência social, foi ela cada vez mais abandonando o caminho verdadeiro para trilhar outro, marcado pelo vício e pelo pecado. Muito cedo conheceu o cigarro, o álcool e

as más companhias; frequentava discotecas usando documentos falsos, e bebia de modo descontrolado.

Apesar disso, em sua personalidade se desabrochou uma qualidade singular: a determinação. “Ou tudo, ou nada” foi, com efeito, o lema que norteou sua vida.

Sonhando com os palcos de Hollywood

Tendo desenvolvido seus dons artísticos, Clare desempenhou diversos papéis em teatros, anúncios e programas de televisão, com vistas à realização de seu maior sonho: ser uma atriz famosa. Dedicou-se ao estudo de artes cênicas e aproveitou cada oportunidade para demonstrar seu talento, no qual os que a rodeavam depositavam grandes esperanças.

Contudo, com o passar do tempo, longe de sentir-se feliz com suas conquistas, Clare começou a se dar conta do imenso e constante vazio que habitava seu coração: cada novo sucesso trazia-lhe profundas depressões. Apesar de ainda lhe atraírem muito o prestígio e as glórias mundanas, sentia existir algo além daquela felicidade

de que tanto almejava. Não conseguindo, porém, compreender do que se tratava, afundava-se cada vez mais em seus vícios.

Num retiro espiritual e não na praia...

No ano de 2000, Clare recebeu um convite. Mais precisamente, tratava-se de um mal-entendido, por trás do qual estava a mão da Providência desejosa de atraí-la para Si.

Sua melhor amiga, Sharon Doherty, tinha uma viagem marcada para a Espanha, na semana da Páscoa. Algum tempo antes, porém, foi acometida por uma forte apendicite e viu-se impedida de partir. Não querendo perder a passagem, que já estava paga, ofereceu-a a Clare. Esta, iludida pelo atrativo turístico do lugar, aceitou a proposta, certa de que a aguardavam agradáveis praias e agitadas discotecas.

O que ela não imaginava é que partia para um retiro de Semana Santa com o Lar da Mãe,¹ e uma peregrinação a vários santuários da Europa. O susto que levou ao deparar-se com dias de oração compulsórios foi monumental! Não podendo livrar-se do compromisso já assumido, decidiu, então, gozar da viagem como pudessem, participando o menos possível das reuniões e meditações.

Na Sexta-Feira Santa, porém, Clare teve de comparecer à cerimônia litúrgica, por ser uma data muito especial. Em certo momento, sem saber bem do que se tratava, entrou como todos numa fila para adorar a Santa Cruz. Apenas imitando o que faziam as pessoas à sua frente, ajoelhou-se e osculou o Crucificado. Contudo, este ato causou-lhe um forte impacto interior.

Assim ela descreve a graça que a tocou: “Não sei explicar exatamente o que aconteceu, não vi nenhum coro de Anjos nem alguma pomba branca que vinha do teto até mim, mas tive a certeza de que o Senhor esta-

va na Cruz por mim. E, junto com essa convicção, me acompanhou uma viva dor [...]. Ao voltar ao meu banco, tinha uma marca dentro de mim que não possuía antes. Precisava fazer algo por Ele, que havia dado sua vida por mim”.²

Sem esperá-lo, Clare viu-se nessa ocasião a sós com Jesus, sentiu uma dor imensa de seus pecados – cometidos contra aquele Amor que se derramava sobre ela – e compreendeu que nada poderia fazer para consolá-Lo, a não ser dar-Lhe sua vida.

“Ele morreu por mim e me ama”, era a única frase que conseguia articular entre lágrimas, após a abençoada celebração. Inusitadamente, e segundo seu feitio ainda muito superficial, Clare quis unir sua ânsia de celebridade a seu novo desejo de santidade, explicando a todos os peregrinos, no mesmo dia em que a graça a visitou: “Quero ser famosa. [...] Mas há uma hora passei a querer ser freira também. Então, disse a mim mesma: ‘Eu vou ser uma freira famosa!’”³

Ora, Clare mal podia imaginar que seu sonho se cumpriria à risca: Deus

faria dela, de fato, o que ela delineou naquela ocasião!

Novas quedas e a decisão final

Entretanto, o caminho dessa alma seria ainda longo e cheio de dificuldades. Possuía, mesclados em seu interior, a fraqueza da natureza humana decaída e o coração de uma águia, que hesitava em começar a voar.

Após ter feito uma segunda viagem com as Servas do Lar da Mãe, ramo feminino da associação, voltou à Irlanda e sua luta tornou-se acirrada: os estudos e as festas voltaram a ocupar seu cotidiano, mês após mês, sem que decidisse cortar com o mundo; e as más amizades e vícios a arras-



Reprodução



hermanaclare.com

“Tive a certeza de que o Senhor estava na Cruz por mim [...]. Precisava fazer algo por Ele, que havia dado sua vida por mim”

Clare osculando o crucifixo durante a cerimônia de Sexta-Feira Santa no Mosteiro de São Miguel das Vitórias, Priego (Espanha); em destaque, o momento no qual ela narra a graça recebida; na página anterior, lr. Clare em 2011



O decisivo passo rumo à vida religiosa custou muito para Clare: desapegar-se da família e enfrentar a oposição de amigos e conhecidos foram alguns dos embates que ela teve que vencer

Da esquerda para a direita: Clare no dia de sua Primeira Comunhão; em uma festa, aos quinze anos de idade, vestida com uma camisa xadrez; com uma amiga durante a peregrinação a Florença

taram, qual outra Madalena, a abismos ainda piores que os passados.

Clare queria apagar da lembrança as graças que recebera junto às irmãs do Lar, mas o Senhor a “perseguiu” com amor paterno. Certa vez, estando numa discoteca, ela sentiu o olhar repreensivo e afetuoso do Salvador a lhe dizer: “Por que continuas Me ferindo?” Era o Bom Pastor à procura da ovelha transviada, implorando-lhe que se abandonasse a seus divinos cuidados, os quais a podiam curar.

O demônio, no entanto, jogaria a sua última grande cartada na dura conquista desse coração: faria abrir-se diante dele as tão sonhadas portas de Hollywood. Em fevereiro de 2001, Clare conseguiu um papel numa película realizada pela BBC. Apesar de secundário, este poderia ser o promissor início de sua carreira como atriz profissional. A rotação do filme se daria em Manchester e ela se hospedaria em hotéis cinco estrelas, em companhia de várias celebridades.

Do ponto de vista mundano, Clare não poderia anelar mais naquele momento da sua vida. Tocava com as mãos no seu futuro brilhante... Mas sentia-se infeliz e, afinal, compreen-

deu que seu lugar estava longe dali. Resolveu, então, partir.

O decisivo passo rumo à vida religiosa custou muito para Clare. Desapegar-se da família, enfrentar a oposição de amigos e conhecidos e abandonar tantos vícios foram alguns dos embates que ela, fortalecida por Deus, conseguiu vencer. E cedo discerniu o que deveria ser na associação: “Uma santa serve, muito unida a Ele, disposta a sofrer tudo e a ir a qualquer parte por amor a Ele”.⁴

Almejando conquistar essa meta, ela passou a rogar com insistência o dom da fidelidade: “Ajuda-me a odiar o pecado que Tu odeias, que me mancha e me afasta de Ti. Não quero dar-Te mais espinhos, não quero que meu Deus chore por mim”.⁵

Escola do amor

Graças insígnies e um profundo conhecimento de seu nada e de sua miséria pessoal encheram os primeiros meses de sua vida como religiosa e foram motivo de muitas explicitações, que anotou em seus cadernos com simplicidade própria aos amigos de Deus.

Cabe ressaltar que ela tinha uma absoluta ignorância em matéria reli-

giosa, mas aquilo que pela inteligência ainda não sabia, Deus o comunicava misteriosamente em sua alma: “Papai, ainda que eu não mereça e seja uma filha ingrata, às vezes Tu me fizestes experimentar o Monte Tabor, a glória de Cristo e da Trindade em mim, no fundo de minha alma”.⁶

Não obstante, a santidade foi um duro combate para Clare. Sentia-se débil, reincidia com frequência nas mesmas misérias de outrora e reconhecia-se necessitada de uma grande purificação, como se pode notar nas anotações de seu itinerário espiritual: “Apesar dos meus esforços de união com o Senhor, às vezes caí no egoísmo”;⁷ “Quero vencer-me a mim mesma? Sim. O que é que mais me faz sofrer? Não ser reflexo d’Ele, não ser como Ele. Minha falta de caridade e humildade”.⁸

A nota tônica de sua via de santificação foi sempre o amor, com o qual buscava retribuir o Amor infinito de Deus por ela. E, bem ciente de que amar implica sofrer e negar-se a si mesmo, ensinava: “O amor é sacrificial, não superficial nem sentimental”.⁹ Sua devoção à Santíssima Virgem era também muito entranhada: “Sei que



Fotos: Reprodução

Clare provou que a santidade é o único caminho para o Céu e que ela está ao alcance de todos, pelos méritos infinitos da Paixão do Redentor

Da esquerda para a direita: como postulante das Servas do Lar da Mãe; na profissão dos votos temporários, em 18 de fevereiro de 2006; com o hábito de trabalho em Priego (Espanha), no ano de 2009

sou muito querida por seu Coração e algumas vezes Ela me deixou descansar ali”.¹⁰

Em meio às lutas e a um decidido progresso espiritual, no dia 8 de setembro de 2010, finalmente Clare fez os votos perpétuos de pobreza, castidade e obediência. Por sua união com Nossa Senhora e as Três Pessoas Divinas, decidiu tomar o nome de Ir. Clare Maria da Trindade e do Coração de Maria.

Fiel até o fim

Sem perder nada de sua alegria radiosa, de seu talento artístico e de seu carisma pessoal, a Ir. Clare transformou-se, pouco a pouco, num autêntico exemplo de generosidade para todos os que conviviam com ela. Ao longo de seus quinze anos de vida religiosa, onde quer que estivesse destacava-se por sua obediência, sua doação de si mesma e sua radicalidade de entrega e de observância da moral católica.

Ela não tinha receios de indicar o caminho certo aos que dirigia, nem de mostrar com clareza as exigências da virtude, como fruto de seus insistentes pedidos ao Senhor: “Dá-me a graça de nunca ter medo de dar testemunho de Ti, de jamais esconder o rosário quando saio [...]. Ajuda-me a nunca fugir do lobo”.¹¹

As provas com que Deus quis purificá-la espantam às vezes por sua dureza; entretanto, sua alma sensível e fraca se fez forte deixando-se crucificar com o Crucificado e, por isso, jamais manifestava a desolação interior em que não raras vezes se encontrava.

Tendo avançado de forma muito definida na via da renúncia a si mesma, do amor a Deus e da entrega sacrificada ao próximo, no dia 16 de abril de 2016 a Providência veio colher sua alma, qual fruto de agradável aspecto, amadurecido pelos sofrimentos e adocicado pela caridade. Um terremoto na

cidade de Playa Prieta, Equador, onde ela então residia, pôs fim à sua trajetória terrena. Ela foi a única religiosa falecida na ocasião e, pela bondade de Nossa Senhora, estava muito bem preparada para isso.

Entreguem-nos a Deus por inteiro!

Clare foi um modelo de autêntica conversão para a humanidade de nosso século. Ela provou, com sua própria vida, que a santidade é o único caminho para o Céu e que ela está ao alcance de todos, pelos méritos infinitos da Paixão do Redentor.

Hoje, cada um de nós é chamado a seguir seu exemplo, entregando tudo o que somos e possuímos nas mãos de Deus, sem reservar nada para o nosso egoísmo! Que ela interceda por nós e nos conceda compreender a fundo que ao Cordeiro Divino não se oferece nada às meias; trata-se de entregar “ou tudo, ou nada”! ✧

¹ Associação Pública de Fiéis fundada na Espanha pelo Pe. Rafael Alonso Reymundo.

² GARDNER, SHM, Kristen. *Hermana Clare Crockett*,

sierva del Hogar de la Madre. Sola con el Solo. Zurita: Fundación E.U.K. Mamie, 2020, p.63.

³ Idem, p.65-66.

⁴ Idem, p.143.

⁵ Idem, p.147.

⁶ Idem, p.165.

⁷ Idem, p.153.

⁸ Idem, p.145.

⁹ Idem, p.231.

¹⁰ Idem, p.167.

¹¹ Idem, p.158.

Perseguindo os perseguidores do Padre Pio

Aproveite à Divina Providência que, ao lado do franciscano estigmatizado e taumaturgo, houvesse um discípulo defensor de seus direitos, tantas vezes vilipendiados por inimigos internos e externos da Igreja.

Lucas Rezende de Souza



Talvez não houvesse na Europa de 1919 lugar que ultrapassasse em paz e tranquilidade ao Gargano, promontório no qual se harmonizam a rudeza e a inocência dos panoramas pouco tocados pelas mãos do homem.

Sobre o rochedo, donde se pode avistar o Mar Adriático e sobre o qual se ergue a pitoresca vila de San Giovanni Rotondo, vivia-se numa calma pouco comum para aqueles que hoje se habituaram aos contínuos ruídos das megalópoles modernas.

Entretanto, a partir de maio de 1919, visitantes de todas as partes do mundo começaram a movimentar esse plácido cenário. Não faziam turismo; queriam, isto sim, ver um homem de Deus – *il santo*, como era chamado – que, segundo diziam, lia o interior das almas, operava milagres e possuía no próprio corpo os sinais da Paixão de Cristo. A fama de Francesco Forgione, frade capuchinho mais conhecido como Padre Pio, espalhava-se cada vez mais. Em meio a tantos prodígios, digna de nota foi a conversão de um próspe-

ro empresário chamado Emmanuele Brunatto.

Nascido em Turim a 9 de setembro de 1892, Brunatto levava uma vida dissoluta até que em 1919, por um periódico da época que lhe caiu nas mãos, tomou conhecimento da existência de um frade que recebera os estigmas da Paixão de Cristo. Mais por curiosidade que por piedade, decidiu conhecê-lo, anelo que somente efetivou um ano mais tarde, depois de uma grande catástrofe financeira em sua vida.

Para espanto de muitos, aos vinte e oito anos Emmanuele Brunatto

Em San Giovanni Rotondo reuniam-se visitantes de todas as partes do mundo, não para fazer turismo, mas para ver um homem de Deus

Convento de San Giovanni Rotondo (Itália), em 1953



Fotos: Reprodução

converteu-se de tal maneira, após uma radical Confissão com o Santo, que foi autorizado a morar no convento dos capuchinhos, a fim de auxiliar aquele que, a partir de então, consideraria seu pai espiritual.

Padre Pio perseguido

O convento de San Giovanni Rotondo fazia parte da Arquidiocese de Manfredonia, cujo Arcebispo era Dom Pasquale Gagliardi. Enquanto o entusiasmo pelo Padre Pio crescia nos fiéis, este prelado e alguns cônegos do vilarejo, lamentavelmente contrariados com a situação criada pela fama do monge estigmatizado, espalhavam péssimas calúnias contra ele. E o pior ainda estava por vir.

O Pe. Agostino Gemelli, sacerdote franciscano que levava uma vida afastada da Religião até os vinte e cinco anos, quando se convertera, fez uma visita ao Padre Pio em 1920, com o intuito de examinar seus estigmas. Entretanto, as autoridades haviam decidido, no ano anterior, que qualquer exame das chagas do religioso só se efetivaria mediante autorização escrita do Santo Ofício e do superior dos capuchinhos. Como o sacerdote carecesse de tal autorização, o Santo não pôde mostrar-lhe os sinais da Paixão. Inconformado, Gemelli passou a afirmar por toda parte que as feridas eram autolesões, e que ele próprio as tinha examinado.

Ora, em 22 de janeiro de 1922, veio a falecer o Papa Bento XIV, e subiu ao sólio pontifício Pio XI, de cuja amizade gozava o Pe. Gemelli... Não haviam passado três meses da sua coroação e o Santo Ofício decidiu colocar o Padre Pio sob observação.

Em maio do ano seguinte, foi publicada uma severa condenação ao Padre



Padre Pio e Emmanuele Brunatto (à direita), em 1924

Incomodados com o entusiasmo dos fiéis pelos Padre Pio, alguns eclesiásticos começaram a espalhar calúnias contra ele

Pio, na qual a congregação vaticana relembra continuamente a necessidade de transferi-lo a um outro convento. Não obstante um erro canônico do documento,¹ tentou-se aplicar as decisões, mas em vão: a pressão da população foi tal que se tornou impossível transferir o santo italiano sem apelar à força.

Diante de tamanha injustiça, seu “primeiro filho espiritual” não permaneceu de braços cruzados.

Exemplo de resistência às perseguições

Brunatto começou a investigar a vida, em nada exemplar, dos perseguidores do Padre Pio. Conseguiu re-

unir inúmeras provas a esse respeito e partiu logo para Roma, a fim de informar a Santa Sé. Os resultados dessa investida foram, todavia, escassos. Com efeito, lá encontrou apenas o apoio de São Luís Orione e dos Cardeais Pietro Gasparri e Merry del Val. Brunatto notou que a hostilidade ao Padre Pio não provinha somente de um simples Bispo da Manfredonia e de alguns cônegos.

Ele decidiu, então, empregar meios mais radicais. Em 21 de abril de 1926, escreveu o livro *Padre Pio de Pietrelcina* – condenado pelo Vaticano dois dias após a publicação –, no qual mostrava a verdadeira fisionomia moral daqueles caluniadores.

Apesar da mencionada condenação da obra, foram obtidos bons resultados: a nomeação de um visitador apostólico para corrigir os desvios morais denunciados, e a designação do próprio Brunatto como auxiliar. Quanto a Dom Gagliardi, alguns anos depois ele foi demitido do seu cargo, após uma apuração implorada pelos padres de sua arquidiocese, devido a horrores de longa data que o pudor impede de aqui registrar.

Um “livro-bomba”

Passado certo tempo, o Cardeal Merry del Val incumbiu Brunatto de levar a cabo uma investigação sobre os costumes licenciosos de determinadas personalidades da mais alta esfera religiosa, tarefa da qual se saiu com sucesso. Munido das informações obtidas, decidiu, à maneira de pressão para liberar o Padre Pio, fazer circular uma *Carta à Igreja*, através da qual punha a público a péssima vida moral dos perseguidores

de seu pai espiritual, alguns deles revestidos de elevadas dignidades no âmbito eclesiástico.

Desta vez, porém, o resultado não foi favorável: como resposta, publicou-se um decreto que obrigava o Padre Pio a celebrar suas Missas somente dentro dos muros do convento, e não em igreja pública, bem como lhe retirava as demais faculdades do ministério. Se Brunatto houvesse aliado seu ímpeto a uma sábia diplomacia, talvez o desenlace tivesse sido diferente...

Esperteza também faltou ao seu amigo e auxiliar, o advogado Francesco Morcaldi, que se deixou convencer por determinadas autoridades a entregar vários documentos que possuía, os quais haviam servido de base para a elaboração da Carta à Igreja, em troca de uma suposta “medida liberatória”, que jamais foi tomada, em relação ao Padre Pio.

Desenganado, Brunatto decidiu não mais ceder um milímetro e publicou, em 1932, um “livro-bomba”: *Os anticristos na Igreja de Cristo*. Nele denunciava não só os inimigos declarados do frade estigmatizado, mas também outras altas personalidades que aviltavam com seu comportamento a dignidade de seu cargo... O resultado foi imediato: em 14 de julho de 1933, o Padre Pio via-se em liberdade. O próprio Papa Pio XI afirmou ter sido “a primeira vez na História da Igreja que o Santo Ofício voltava atrás em seus decretos”.²

Prelúdio de uma nova perseguição

O santo franciscano pôde viver em paz durante mais trinta anos. Os milagres e curas não cessavam e os devotos se multiplicavam; todavia, ele estava longe de se ver livre de seus perseguidores...

A situação econômica dos capuchinhos na Itália era crítica. Sobretudo em Foggia, onde os religiosos haviam depositado altos valores

em mãos de um banqueiro famoso, Giuffrè, o qual veio a falir. Tudo o que lhe tinham entregado estava reduzido a nada.

O Padre Pio nunca havia se envolvido em tal caso e desaconselhava seus irmãos de hábito a fazê-lo. Como ele buscava o Reino de Deus e sua justiça, confiava que o resto lhe seria dado por acréscimo (cf. Mt 6, 33). De fato, as doações afluíam em abundância e, com elas, o Santo podia sustentar um hospital que havia construído, a *Casa Sollievo della Sofferenza*, cuja propriedade fora doada pelo próprio Emmanuele Brunatto.

Entretanto, alguns confrades do Padre Pio começaram a desviar as doações destinadas a ele. A notícia chegou ao Vaticano, e Mons. Mario Crovini foi incumbido de averiguar tal situação, que infelizmente era real. Assim, os culpados receberam algumas sanções. Entretanto,

to, mal acabada a missão, o Papa João XXIII dava seu consentimento a um pedido do Ministro Geral dos capuchinhos: uma visita apostólica que pusesse termo à “incapacidade” do Padre Pio de governar o hospital.

Logo depois de tomada tal decisão, alguns dos coirmãos do Padre Pio começaram a “investigá-lo”, colocando gravadores em diversos lugares de sua intimidade, como em sua cela e até mesmo em seu confessional: um verdadeiro sacrilégio! Mas eles afirmavam obedecer a ordens vindas de muito alto.

Parcialidade e injustiça por parte dos visitantes

O visitador apostólico, Mons. Carlo Maccari, entrou em ação no dia 29 de julho de 1960. A primeira pessoa que visitou foi Michele De Nittis, um dos cônegos de San Giovanni



Brunatto investigou e denunciou os detratores de seu pai espiritual, pondo a público a péssima vida moral que levavam

Emmanuele Brunatto e Padre Pio em 1924, no Convento de Santa Maria delle Grazie, San Giovanni Rotondo (Itália); em destaque, o livro “Os anticristos na Igreja de Cristo”, publicado em 1932



Fotos: Reprodução

Rotondo que havia caluniado ferozmente o Padre Pio nos anos 1920.

Enquanto ele prosseguia o trabalho, seu auxiliar, o Pe. Giovanni Barberini – o mesmo que afirmaria, mais tarde, que uma benção do visitador apostólico valia mais do que mil absolvições do Padre Pio –, após ter revirado todo o carteio do capuchinho e não ter encontrado nada que pudesse servir para condená-lo, passava seu tempo nos bares e restaurantes da cidade.

A investigação deveria encerrar-se no dia 2 de outubro, mas ambos os visitantes deixaram o convento no dia 17 de setembro. Apesar da carência de reais motivos, duras medidas restritivas foram tomadas com relação ao contato do Santo com os fiéis.

O “Livro branco”

No dia 3 de outubro, o Vaticano publicou as disposições de Mons. Maccheri a respeito do Padre Pio, as quais, segundo se alegava, visavam “proteger a Igreja de formas deletérias de fanatismo”.³ Condenações seguiram-se umas às outras e todos – sobretudo Brunatto – temiam que o Padre Pio fosse deposto do governo do hospital.

Arriscando-se para defender seu pai espiritual, Emmanuele Brunatto enviou uma calorosa carta ao Santo Ofício, na qual afirmava estar disposto a “fazer saltar a cabala infernal que dura já um terço de século, se alguém tocar na liberdade do Padre Pio, ou se forem realizadas modificações na estrutura de sua obra [o hospital] sem o seu consentimento e o nosso”.⁴

Entretanto, as condenações não cessavam. Não tendo outra alternativa, ele decidiu dar a conhecimento público o fato dos gravadores postos no confessionário do Padre Pio. Não tardou para que um Cardeal do Santo Ofício fosse visitá-lo, a fim de restabelecer a paz. Fizaram um acordo: Brunatto cessaria as publicações e eles



Emmanuele Brunatto, no fim de sua vida

*O discípulo fiel
não cessou de defender
a verdade e de
perseguir os inimigos
da Igreja, sendo
por isso tão odiado
quanto seu mestre*

manteriam o Padre Pio no governo do hospital. Contudo, mais uma vez não cumpriram com sua palavra: no mesmo mês, os superiores do Padre Pio o obrigaram a assinar um documento de desapossamento do imóvel.

Como último recurso, o defensor do Padre Pio reuniu todos os documentos que acumulara desde a década de 1920 até os anos 1960 e fez uma compilação, chamada *Livro branco*. Entretanto, sua publicação foi adiada devido à morte do Papa João XXIII. Brunatto apenas enviou uma cópia do documento ao secretário-geral da ONU, ao presidente da República Italiana e ao novo Papa, Paulo VI.

De fato, não demorou muito para que o Pontífice tomasse a iniciativa da liberação do santo capuchinho, em 1964. Contudo, como Brunatto dela não tomou conhecimento, viu-se na obrigação de publicar sua obra polêmica, a qual teve muita repercussão, sobretudo entre as autoridades eclesásticas reunidas para o Concílio Vaticano II.

Uma morte misteriosa

Um ano depois, na noite de 9 para 10 de fevereiro de 1965, Emmanuele Brunatto foi encontrado morto em sua casa, vítima, segundo as autoridades, de um infarto cardíaco. Todavia, alguns de seus companheiros levantam outras hipóteses, como envenenamento por estricnina. Cabe ressaltar que seu jantar costumava ser comprado todos os dias num restaurante próximo.

Não é preciso dizer que este homem, defensor da verdade e perseguidor dos inimigos da Igreja, era odiado tanto quanto o próprio Padre Pio, pois, em realidade, Deus era odiado na pessoa deles.

Sabemos, entretanto, que enquanto houver na terra homens que sejam representantes vivos de Deus e da integridade, estes sempre serão objeto da perseguição e do ódio dos que tramam a iniquidade. E é justamente por isso que o Senhor nunca há de privar sua Igreja da presença de “Emmanuel Brunattos”, perseguidores do mal que sabem desmascarar, em tempo oportuno, os inimigos da verdade. ✧

¹ O decreto afirmava que o convento de San Giovanni Rotondo pertencia à Diocese de Foggia, mas ele fazia parte da Arquidiocese de Manfredonia.

² CHIRON, Yves. *Padre Pio: Le stigmatisé*. Paris: Perrin, 1999, p.202.

³ Idem, p.280.

⁴ Idem, p.290.

Preciosos ensinamentos da Ressurreição

Da gloriosa Ressurreição de Cristo, refulgem consoladoras alegrias, como também dela se depreendem importantes lições para o homem fiel, à luz das quais deve este pautar sua trajetória rumo à eterna bem-aventurança.

Plínio Corrêa de Oliveira



Durante os três dias em que Nosso Senhor esteve morto, aos olhos dos que O conheceram, com exceção de Maria Santíssima, tudo parecia irremediavelmente perdido. “Morreu!”, pensavam eles. “Correram a pedra sobre a entrada do sepulcro, e a escuridão envolveu o Corpo d’Ele. Acabou, não resta mais nada!”

Ora, restava tudo. A história da salvação dos homens apenas começara.

Indizível alegria das almas dos justos

Assim que a Alma santíssima de Nosso Senhor se separou do Corpo sa-

grado, apareceu às almas dos justos que aguardavam – algumas havia milênios – a Redenção e a abertura das portas do Céu.

Imaginemos, se pudermos, a felicidade indizível da alma de Adão e a de Eva, constatando que, afinal, o pecado por eles cometido, o pecado que provocara a decadên-

cia do gênero humano, estava perdoado e sua culpa redimida! E do mesmo modo, o júbilo ímpar da alma de tantos outros justos, patriarcas e pro-

No limbo, a alegria dos justos que aguardavam a Redenção foi indizível ao receber a visita de Nosso Senhor ressurrecto

“Cristo no Limbo”, por Fra Angélico - Museu de São Marcos, Florença (Itália)



Reprodução

fetas do Antigo Testamento ali reunidos, que aclamaram o aparecimento de quem os libertava daquela longa espera.

Esse encontro foi, sem dúvida, um espetáculo extraordinário.

Na pior das horas, refúgio junto a Maria Santíssima

Contudo, para os Apóstolos e discípulos que haviam fugido durante a Paixão, essa realidade espiritual e gloriosa era inteiramente desconhecida. Pelo contrário, achavam-se abatidos, prostrados, horrorizados, sem vislumbrar saída alguma para a dramática situação em que estavam. Cada qual se escondeu como pôde, esperando que a efervescência dos acontecimentos se extinguisse e a normalidade da vida de todos os dias fizesse com que deles se esquecessem.

Outros eram, porém, os desígnios da Providência. Podemos conjecturar que houve um trabalho misterioso da graça no sentido de sugerir ao espírito de cada um deles o desejo de procurar Nossa Senhora e de se abrigar sob seu manto materno. Junto a Ela – sempre nos é dado supor – encontraram-se, chorosos e contritos, ainda incertos quanto ao futuro. Apenas a Mãe de Deus confiava e rezava, segura do triunfo de seu Divino Filho sobre a morte.

De alguma maneira, também própria ao sobrenatural, a fidelidade de Maria Santíssima começou a contagiar a tibieza dos Apóstolos, e a despertar na alma de cada um deles sensações, esperanças, percepções da maravilhosa graça que lhes estava reservada. No interior daqueles homens, em meio à tormenta da provação, foram se alicerçando uma convicção nova e um novo ânimo.

Quer dizer, na pior das horas, porque se refugiaram aos pés de Nossa Senhora, receberam graças inesti-



Nosso Senhor ressurrecto - Igreja
São Carlos dos Lombardos,
Florença (Itália)

*Por se refugiarem
junto a Nossa
Senhora no momento
da prova, os
Apóstolos receberam
graças especiais para
crer na Ressurreição*

máveis que os prepararam para tudo o que logo lhes aconteceria. Unidos em torno da Virgem Fiel, estavam em

condições de acreditar na Ressurreição e de se predisporerem à grandiosa missão para a qual haviam sido chamados.

Confirmam-se as mais audaciosas esperanças

Na manhã do terceiro dia, ressurge glorioso o Redentor Divino e – como sugere a crença de piedosos autores, embora os Evangelhos não o narrem – aparece em primeiro lugar a Nossa Senhora, inundando-A de consolação e felicidade. Todo Ele era um só esplendor, espargindo luminosidade celeste a seu redor como o brilho de mil sóis!

Aparece depois a Maria Madalena e a outros discípulos. A Ressurreição era já um fato incontestável. Os Apóstolos creem e exultam. Tudo quanto era caminho sem saída tornou-se viável, e todas as esperanças, as mais audaciosas, confirmaram-se no triunfo de Cristo ressurrecto. Vitória que representava, ao mesmo tempo, a afirmação de toda a vida d'Ele e um imenso perdão para os seus discípulos.

A partir daí estes passaram por uma autêntica conversão. Transcorridos mais alguns dias, eles receberiam a infusão do Espírito Santo, tornando-se cada qual uma coluna de amor e fidelidade sobre a qual se ergueria o edifício da Santa Igreja Católica Apostólica Romana.

O homem fiel não se deixa abater pelos reveses

Da Ressurreição de Nosso Senhor Jesus Cristo e dos aspectos a ela vinculados – sejam os precedentes, sejam os que se lhe seguiram – depreendem-se para nós alguns ensinamentos.

O homem modelado segundo o espírito do Divino Mestre, o homem

A vitória da Igreja imortal

A regularidade com que se sucedem no calendário da Igreja os vários ciclos do Ano Litúrgico, imperturbáveis em sua sucessão, por mais que os acontecimentos da História humana variem em torno deles e os altos e baixos da política e das finanças continuem sua corrida desordenada, é bem uma afirmação da celestial majestade da Igreja, sobranceira ao vaivém caprichoso das paixões humanas.

Sobranceira, não porém indiferente. Quando os dias dolorosos da Semana Santa transcorrem em quadras históricas tranquilas e felizes, a Igreja, como Mãe solícita, se serve deles para reavivar em seus filhos a abnegação, o senso do sofrimento heroico, o espírito de renúncia à trivialida-

de cotidiana e o inteiro devotamento a ideais dignos de darem um sentido mais alto à vida humana. “Um sentido mais alto” não é bem dizer. É o único sentido que a vida tem: o sentido cristão.

Mas a Igreja não é apenas Mãe quando nos ensina a grande missão austera do sofrimento. Ela também é Mãe quando, nos extremos de dor e aniquilação, faz brilhar aos nossos olhos a luz da esperança cristã, abrindo diante de nós os horizontes serenos que a virtude da confiança põe aos olhos de todos os verdadeiros filhos de Deus.

Assim, a Santa Igreja se serve das alegrias vibrantes e castíssimas da Páscoa para fazer brilhar aos nossos olhos, mesmo nas tristezas da situação contemporânea, a certeza triunfal de que Deus é o supremo Senhor de todas as coisas, de que seu Cristo é o Rei da Glória, que venceu a morte e esmagou o demônio, de que a sua Igreja é Rainha de imensa majestade, capaz de se reerguer de todos os escombros, de dissipar todas as trevas e de brilhar com mais luzidio triunfo, no momento preciso em que parecia aguardá-la a mais terrível, a mais irremediável das derrotas.

A alegria e a dor da alma resultam necessariamente do amor. O homem se alegra quando tem o que ama, e se entristece quando aquilo que ama lhe falta.

O homem contemporâneo deita todo o seu amor em coisas de superfície, e por isso só os acontecimentos de superfície – da superfície mais próxima à sua minúscula pessoa – o emocionam. Assim, impressionam-no sobretudo suas desgraças pessoais e superficiais: a saúde abalada, a situação financeira vacilante, os

amigos ingratos, as promoções que tardam, etc. De fato, porém, tudo isto é secundário para o verdadeiro católico que cuida antes de tudo da maior glória de Deus e, portanto, da salvação de sua própria alma e da exaltação da Igreja.

Por isso, o maior sofrimento do católico deve consistir na condição presente da Santa Igreja.

Sem dúvida, essa situação apresenta muito de consolador. Entretanto, seria um erro negar que a apostasia geral das nações continua em um crescendo assustador; que a tendência ao paganismo se desenvolve vertiginosamente nas nações heréticas ou cismáticas que conservavam ainda alguns resquícios de substância cristã. Nas próprias fileiras católicas, ao par de um renascimento promissor, pode-se observar a marcha progressiva do neopaganismo: depravam-se os costumes, limitam-se as famílias, pululam as seitas protestantes e espíritas.

A despeito de tantos motivos de tristezas, de motivos que fazem presagiar, quiçá, para o mundo inteiro, uma catástrofe não distante, continua a esperança cristã. E a razão disto nos é ensinada pela própria festa da Páscoa.

Quando Nosso Senhor Jesus Cristo morreu, os judeus selaram sua sepultura, guarneceram-na com soldados, julgaram que estava tudo terminado.

Em sua impiedade, eles negavam que Nosso Senhor fosse Filho de Deus, que fosse capaz de destruir a prisão sepulcral em que jazia, que, sobretudo, fosse capaz de passar da morte à vida. Ora, tudo isso se deu. Nosso Senhor ressuscitou sem qualquer auxílio humano, e sob seu império a pe-



Nossa Senhora da Ressurreição -
Casa de Formação Thabor,
Caieiras (Brasil)



**Cristo ressuscitado -
Catedral de Santa María la Real,
Pamplona (Espanha)**

sada pedra da sepultura deslocou-se leve e rapidamente, como uma nuvem. E Ele ressurgiu.

Assim também a Igreja imortal pode ser aparentemente abandonada, enxovalhada, perseguida. Ela pode fazer, derrotada na aparência sob o peso sepulcral das mais pesadas provações. Ela tem em si mesma uma força interior e sobrenatural, que lhe vem de Deus, e que lhe assegura uma vitória tanto mais esplêndida quanto mais inesperada e completa.

Essa é a grande lição do dia de hoje, o grande consolo para os homens retos que amam acima de tudo a Igreja de Deus:

Cristo morreu e ressuscitou.

A Igreja imortal ressurge de suas provações, gloriosa como Cristo, na radiosa aurora de sua Ressurreição. ✧

Extraído de: Páscoa.
In: *Legionário*. São Paulo.
Ano XVIII. N.660
(1º abr., 1945); p.2

que corresponde às graças obtidas pelos rogos de Maria, o homem fiel que obedece inteiramente a vontade de Deus e tem sua alma talhada pela doutrina da Igreja, esse homem possui uma tempera tal que não há desastre, ruína ou tristeza, não há perseguição nem miséria que o abatam e o desviem de sua trajetória apostólica.

Pelo contrário, quanto maiores os reveses, maior a sua coragem; quanto mais inesperadas e inopinadas as derrotas, maior a sua vontade de reagir; quanto mais terríveis os golpes que ele recebe, maior a sua determinação de continuar a lutar.

E se acontecer de ele cair prostrado durante a lide, Deus – que vela por ele e por sua descendência espiritual – fará com que, de seus exemplos e de sua lição, nasçam discípulos que continuem sua obra. E assim, de glória em glória, de passo em passo, mas de dor em dor, de sofrimento em sofrimento, é possível levantar obras de uma grandeza e de uma beleza inimagináveis.

Mas essas obras nascidas da dor, da fidelidade, da constância e da entrega completa de si mesmo para que Deus execute sua vontade sobre os homens, nascem também da devoção a Nossa Senhora e da união com Ela, que nos alcança graças indizivelmente fortes, profundas e tonificantes.

Júbilo que nos prepara para novas provações

Outra lição que nos é dada pelo triunfo de Nosso Senhor sobre a morte vem das jubilosas celebrações que no-lo recordam.

As pompas da esplêndida e brilhante Liturgia da Vigília Pascal e do Domingo da Ressurreição nos falam de todas as alegrias legítimas e até gloriosas que o homem fiel pode desfrutar em sua vida.

*Quanto maiores os
reveses, maior a
coragem da alma
fiel; quanto mais
terríveis os golpes
que recebe, maior sua
determinação de lutar*

Entretanto, a missão e os trabalhos dos Apóstolos convertidos nos ensinam não haver alegria que desvie o homem fiel do caminho da dor; não há felicidade que o amoleça, que o subtraia da austeridade com a qual trilha o caminho do Céu. Pelo contrário, como essa alegria é fruto do Espírito Santo, o homem sai desse dia de festa e de glória mais disposto a suportar todas as humilhações, todas as dores e todos os sacrifícios necessários para a grande batalha da salvação que ele terá diante de si.

Por essa razão, ao celebrarmos a Páscoa da Ressurreição, devemos pedir a Jesus ressurrecto, por intermédio de Nossa Senhora, a força de espírito pela qual não haja nenhuma provação que nos leve ao desespero, nem glória que nos leve à moleza.

Assim, através desse caminho de sofrimentos sem desânimos e de triunfos sem relaxamentos, chegaremos afinal à imperecível glória do Céu, pela graça de Nosso Senhor Jesus Cristo, nosso Redentor, e pelos rogos de Maria Santíssima, nossa Mãe, a cujas preces tanto devemos. ✧

Extraído, com pequenas
adaptações, de: *Dr. Plínio*.
São Paulo. Ano XI. N.120
(mar., 2008); p.18-21

O Jordão da graça

“Houve um homem, enviado por Deus, cujo nome era João...” Essas palavras, divinamente inspiradas, parecem renovar-se a cada quadra histórica. E assim o foi no tempo que acolheu o fundador dos lassalistas.

Fernando Joaquim Costa Mesquita



Gustavo Kralj

A vida do homem assemelha-se à erva do campo que de manhã floresce, mas à tarde logo seca; sua lembrança passa como um vestido que é trocado (cf. Sl 89, 6; 101, 27). Há, contudo, exceções, cujo rastro permanece indelével através dos séculos: os Santos. E em meio a essa luminosa plêiade destacam-se os fundadores, os quais perpetuam sua memória nos filhos espirituais que permanecem fiéis ao carisma originário.

São João Batista de La Salle, fundador dos Irmãos das Escolas Cristãs, refulge no firmamento da História com essa coroa. Sua obra, destinada à educação das classes sociais menos favorecidas, evoca constantemente o insigne grau de caridade e humildade que o caracterizou. Com efeito, pelos frutos de uma árvore entrevemos a qualidade da semente da qual brotou.

Entretanto, as condições em que esta germina são, em geral, marcadas por incontáveis peripécias e grandes sofrimentos. Tomada em sentido diverso do habitual, a parábola

do semeador pode ser utilizada para exemplificar esse aspecto da vida dos fundadores: cada um é a palavra de Deus para sua época, lançada aos homens pelo agricultor divino; porém, sua germinação requer lutas, renúncias e sacrifícios. Com frequência a semente não cai diretamente na terra boa, mas passa por todas as topografias descritas pelo Divino Mestre.

Assim se deu com São João Batista de La Salle e a obra por ele fundada.

A pia batismal da França, berço de João Batista

Entre as inúmeras glórias da cidade francesa de Reims, conta-se o fato de ter assistido ao nascimento de um novo João Batista, em 30 de abril de 1651.

Esse local, que se tornara a pia batismal da França quando Clóvis ali recebeu o primeiro dos Sacramentos, por volta do ano 498, e o sustento da fé francesa quando Santa Joana d'Arc viu coroado Carlos VII em 1429, serviu também de berço para o varão que batizaria “no Espírito Santo” (Mc 1, 8) inúmeras crianças

francesas nos conturbados séculos subsequentes.

João Batista, filho primogênito de Luis de La Salle e Nicolasa Moët, teve uma infância marcada pela calorosa vida de família, pela piedade e pelo estudo. Seus principais divertimentos consistiam em construir oratórios e imitar os ritos sagrados, num ambiente doméstico caracterizado pela ternura dos pais e vivacidade dos irmãos. Enquanto aluno, apresentou um desempenho brilhante.

Cônego de Reims e estudante de Teologia

O destaque do jovem no mundo acadêmico propiciou que ele se tornasse, ainda muito novo, cônego de Reims. No Domingo de Páscoa de 1666, houve um concurso de literatura e distribuição de prêmios no colégio que frequentava, durante o qual atuou magistralmente. Sua desenvoltura atraiu a atenção de Pedro Dozet, secretário e cônego de Reims já ancião, levando-o a ceder-lhe seu canonicato quando o Santo contava quinze anos e apenas havia recebido a tonsura.

Tratava-se de um cargo de prestígio, porém muito oneroso. Pertencendo ao cabido, ele estava obrigado a participar da oração coral: três longos períodos de oração oficial em nome da Igreja. Sua condição de estudante o eximia desse dever na maioria dos dias, mas não de comparecer a diversas reuniões administrativas, estar presente em procissões e desempenhar várias outras funções.

Em 1670, tendo já três anos de sacerdócio, ele ingressou no seminário parisiense de São Sulpício, passando a estudar na Universidade da Sorbonne. João Batista rumava por sendas planas em direção ao sacerdócio, que almejava desde a mais tenra infância, e a um futuro brilhante. Contudo, a Divina Providência tinha outros desígnios a seu respeito.

No ano seguinte à mudança para a capital francesa, chegaram-lhe notícias desalentadoras: em julho de 1671, faleceu sua mãe, seguida pelo marido nove meses depois. João Batista teve de deixar o seminário e transladar os estudos novamente para Reims, onde a primogenitura o obrigava a cuidar dos irmãos órfãos.

Ali, não obstante a administração do patrimônio a ele confiado, continuou seus estudos, recebendo a ordenação sacerdotal em 1678, na sua cidade natal.

Um chamado visto com nitidez

Naquela quadra histórica, grande parte do clero encontrava-se contaminada por certa tibieza e relaxamento no empenho apostólico, procurando se destacar junto aos nobres e abastados, enquanto as classes humildes eram deixadas de lado. Como resultado, havia multidões de crianças carentes de qualquer formação religiosa.

*Entre as glórias
da cidade de Reims
está o fato de ter
acompanhado os
primeiros anos
de um novo
São João Batista*

Em contrapartida, iniciou-se em algumas cidades francesas um movimento para a fundação de escolas caritativas dedicadas a esses pequenos, notadamente os pobres e órfãos. O responsável por tal iniciativa, Sr. Adrian Nyel, dirigiu-se a Reims com o intuito de organizar ali um estabelecimento semelhante e, ouvindo os rumores acerca das virtudes do jovem cônego, decidiu pedir-lhe ajuda.

Tendo se aliado a essa tarefa, o Pe. de La Salle não tardou em perceber o caráter superficial de seu companheiro, que o levava a vaguear pela França em busca de novas fundações sem haver alicerçado adequadamente as já iniciadas.

Aquela incipiente obra assemelhava-se a uma semente que caíra à beira do caminho. Nyel foi o pássaro que a tomou, conduziu até o terreno determinado por Deus e continuou seu percurso caprichoso pelos ares...

Enquanto isso, o espírito profundo do Santo constatou a necessidade de fornecer uma sólida formação religiosa aos mestres, antes de lançar-se em empreendimentos que não poderiam se sustentar. A partir dessa moção da graça, e após muitas orações,

Catedral de Reims em 1722, por Pierre-Denis Martin - Museu Nacional do Castelo de Versalhes e Trianon (França); na página anterior, São João Batista de La Salle - Basílica de São Pedro, Vaticano





Fotos: LaSalle.org



São João Batista de La Salle distribui seus bens aos pobres, faz os votos com os primeiros irmãos e recebe a visita do Arcebispo de Rouen, por G. Gagliardi

Sua missão era fundar uma Ordem destinada à educação das classes pobres; a semente fora lançada em solo fértil e germinava graças ao zelo do fundador

o Pe. de La Salle começou a delinear os primeiros esboços da ousada empresa que ele percebeu ser sua vocação: fundar uma Ordem Religiosa.

Todavia, a Providência não queria ainda depositar o grão em terra fértil. Antes era preciso que ele se desenvolvesse em solo pedregoso...

Constituição da congregação religiosa

Após um curto período de vida comunitária com um incipiente conjunto de discípulos, surgiram as primeiras desavenças e discórdias. Coube ao fundador passar pelo crivo aquele grupo, pois percebera que muitos dos que haviam aderido a seu projeto visavam somente pertencer a um corpo docente e jamais lhes passara pela mente abraçar uma vocação religiosa.

Contudo, mesmo depois desta purificação, restava uma reticência de seus seguidores em relação à sua pessoa: ele os convidava a viverem inteiramente confiados na Providência, dependentes de esmolas ou da escassa renda das escolas, enquanto ele próprio conservava uma posição social prestigiosa e recebia a renda do canonicato.

Ao perceber a questão, o Santo não duvidou: decidiu renunciar ao cargo e ao patrimônio que lhe cabia, dando tudo aos pobres. Alguns o desaconselharam nesse sentido, fundamentados no fato de aquela renda ser um dos meios de subsistência da comunidade, mas a confiança de do Pe. de La Salle em Deus era total.

A depuração interna e a renúncia do fundador marcam uma nova fase para o estabelecimento de uma verdadeira congregação religiosa. O terreno pedregoso tornara-se fértil para a semente começar germinar.

Expansão e perseguições

Depois de se instituir o hábito próprio, definir o nome de Irmãos das Escolas Cristãs e se estabelecerem os

primeiros regulamentos, a obra entrou em franca expansão, conquistada a preço de grandes sofrimentos. Com efeito, ao sair da terra, o broto ainda não veria a luz senão por detrás dos espinhos. Seria preciso enfrentá-los para que a seiva adquirisse vigor e estabilidade.

Com a fama das escolas gratuitas, os mestres leigos sentiram-se prejudicados, pois algumas famílias que só a muito custo conseguiam manter os filhos nos estabelecimentos de ensino convencionais preferiram transferi-los para as instituições caritativas, fazendo-os perder cada vez mais alunos. O problema chegou a gerar vários processos contra os Irmãos das Escolas Cristãs, aos quais o fundador teve de responder pacientemente.

Entrementes, a obra ia-se desenvolvendo: em 1691, foram organizados dois grandes retiros; em 1692, fundou-se o noviciado; em 1694, realizou-se a primeira emissão de votos perpétuos e foi definida a regra. A instituição começava a tomar ares de uma congregação religiosa pujante, mas isso não agradou a todos...

Em 1702, alguns dos irmãos tomaram, imprudentemente, atitudes demasiado severas ao punir os noviços, gesto que propiciou a certos clérigos, avessos a São João Batista de La Salle, afirmarem que os castigos haviam sido infligidos por orientação do Santo.

Movido pelos detratores, o Cardeal Louis Antoine de Noailles tomou a deliberação de destituir-lo do cargo de superior e substituí-lo por um clérigo alheio ao carisma fundacional. O fundador foi informado de que estava degradado e recebeu a ordem de convocar todos os irmãos de Paris para uma assembleia, na qual seriam postos a par das novas medidas.

No dia 3 de dezembro, reuniram-se os filhos espirituais de São João Batista de La Salle, sem saber que estavam ali para ouvir a terrível notícia dos lábios de um enviado do Cardeal.

Quando ouviram aquela decisão draconiana, ergueram imediatamente um clamor unânime de indignação: “Temos um superior eleito livremente por nós; não podemos aceitar outro [...]. Se queres estabelecer um superior, traze também os inferiores; nós nos retiramos”.¹

A intransigência dos irmãos conquistou a vitória. O novo superior acabou limitando-se a uma atuação “externa”, à maneira de um capelão, completamente impossibilitado de alterar o carisma. O fundador continuava como superior efetivo.

Não obstante, em 1709 outro sofrimento assomou. O inverno rígido converteu a classe mais modesta da França numa turba de mendigos, e os irmãos também foram atingidos: a fome afetou quase todas as casas e vários adoeceram gravemente; o grande noviciado, fundado quatro anos antes em Saint-Yon, não podendo manter as condições mínimas de dignidade, transferiu-se para Paris.

Últimos combates

Em 1717 convocou-se o segundo Capítulo Geral, no qual, a pedido do fundador, foi oficialmente nomeado o primeiro Superior Geral – o Ir. Bartolomeu – e se procedeu à revisão da regra inicial. Naquela ocasião, a comunidade alcançava sua maturidade: “tinha hábito próprio; afirmava sua completa laicidade; professava três votos perpétuos; dispunha de regras adequadas; declarava como seu campo de apostolado eclesial a educação integral, mediante a escola cristã; considerava indispensável a gratuidade total; tinha sua hierarquia estabelecida”.²

Dali em diante, o fundador permaneceria recolhido em Saint-Yon, atuando como confessor da comunidade e inteiramente obediente ao superior constituído. Enquanto sua saúde física definhava de dia para dia,



São João Batista de La Salle,
por Pierre Léger - Museu La Salle, Roma

*Até o fim ele sorveria
o amargo cálice das
perseguições; regado
com o sangue do
fundador, o instituto
frutificaria mais do
que cem por um*

sua alma o tornava cada vez mais semelhante aos Anjos.

A semente se encontrava já em terra fértil, os pedregulhos estavam rompidos e espinhos haviam sido vencidos; porém, para que os frutos vingassem, o grão precisava morrer...

A fim de que atingisse o cume do calvário, o Santo recebeu, dias antes de seu falecimento e encontrando-se ele quase já sem forças, um enviado do Arcebispo local, o qual lhe comunicou que estava suspenso do uso de ordens e, conseqüentemente, proibido até mesmo de confessar os

irmãos. Não parece despropositado pensar que a medida se devia a antigas ou novas calúnias... Sem qualquer reclamação, São João Batista de La Salle tragou o amargo cálice.

A 7 de abril de 1719, tendo recebido os Sacramentos, ele entregou sua alma a Deus, faltando apenas alguns dias para completar sessenta e oito anos de idade. A semente havia se consumido por inteiro, para dela desabrochar uma frondosa árvore no sagrado horto da Igreja.

Obra “post mortem”

Iniciava-se então a glorificação do Santo: em 1724, os Irmãos das Escolas Cristãs receberam a sanção civil e, no ano seguinte, a aprovação pontifícia, tão desejada pelo fundador em vida, das mãos do Papa Bento XIII; em 1888, Leão XIII o beatificou; em 1900, ele foi canonizado pelo mesmo Pontífice; em 1950, Pio XII o proclamou Padroeiro dos Educadores.

O instituto, fundado sobre a rocha firme e regado com o sangue do fundador, deu muito mais que cem por um. Após atravessar as mais árduas veredas – suprimiram-no durante a Revolução Francesa, em 1904 praticamente o expulsaram do solo francês, a perseguição religiosa na Espanha ceifou a vida de 165 irmãos – conta em nossos dias com milhares de membros, espalhados pelos cinco continentes.

A bem dizer, as almas que encontraram o caminho do Céu passando pela obra dos lassalistas – verdadeiro Jordão da Graça, em cujas águas um novo João Batista glorificou a Cristo – são incontáveis. ✧

¹ GALLEGO, Saturnino. *Vida y pensamiento de San Juan Bautista de La Salle*. Madrid: BAC, 1986, v.I, p.362.

² Idem, p.552.

Conformismo ou intransigência?

No século VIII, o germe da futura Espanha católica periclitava sob o jugo dos infiéis, mas um punhado de valentes insurgiu-se contra a fatalidade e mudou os rumos da História.



Leticia Regina Ferratto Ojeda

Conformismo... Lamentável estado de espírito que tantos desastres causou na História! Transformou a mulher de Lot numa estátua de sal (cf. Gn 19, 26), levou Aarão a fabricar um bezerro de ouro no sopé do Horeb (cf. Ex 32, 1-6), atraiu sobre o sacerdote Heli a repulsa divina (cf. I Sm 2, 30-34), arrastou Salomão à idolatria (cf. I Rs 11, 1-8). Tais erros, no entanto, evidenciam uma importante verdade: não pode haver união entre a justiça e a iniquidade, nem comunidade entre a luz e as trevas, ou compatibilidade entre Cristo e Belial (cf. II Cor 6, 14b-15).

Com efeito, quem aceita pôr-se em acordo com a impiedade logo se afunda na lama dos mesmos vícios. Aqueles, porém, que diante do mal declarado elevam aos Céus o seu ato de indignação e dispõem-se a lutar pelo triunfo da virtude, tornam-se autênticos heróis dispostos a conquistar, para Deus, a vitória, a honra, a glória e o poder que Ele é digno de receber (cf. Ap 5, 12-13).

Graças aos méritos infinitos do Preciosíssimo Sangue de Cristo, muitos brados de inconformidade também ecoaram pelos séculos, para encanto e entusiasmo dos justos. Um deles proveio do que restava da futura Espanha no século VIII: a Batalha de Covadonga, cujo XIII centenário comemoramos neste ano.

A Península Ibérica tomada pelos mouros

Em 711, a Península Ibérica atravessou uma difícil conjuntura. As rivalidades e disputas existentes entre seus vários reinos levaram alguns governantes a recorrerem ao auxílio dos muçulmanos que, no ímpeto de suas primeiras expansões, já dominavam o norte da África. Assim convocados, eles atravessaram o estreito de Gibraltar sem grandes dificuldades, e logo começaram a se apoderar das cidades por onde passavam.

A conquista foi rápida e fácil. Os nobres espanhóis, cegos e obstinados em suas contendas, “pactuavam com [os invasores], abriam-lhes as portas das cidades e colocavam em suas mãos amplos e ricos territórios. Inguenuamente, imaginavam que a permanência de Tárique [general muçulmano] na Espanha seria de curta duração e que, uma vez saciados seus anseios por despojos, voltaria para sua terra”.¹ O resultado, porém, foi avassalador: com exceção de alguns núcleos cristãos nas montanhas das Astúrias e nas proximidades dos Pireneus, toda a península acabou sendo anexada ao império islâmico e subjugada à custa de saques, incêndios e assassinatos.

Ora, o motivo que levou os árabes a se instalarem naquelas terras

não foi apenas político. O que eles realmente pretendiam era impor, ao fio da espada, seu credo religioso e forma de organização da sociedade. Para isso, não tardaram em oprimir e até perseguir os cristãos espanhóis, que ficaram reduzidos a uma sufocante condição: embora pudessem conservar sua Religião, estavam proibidos de construir novas igrejas, de pregar a Fé, de celebrar o culto, de portar armas... sem contar a obrigação de pagar pesados tributos.

Diante dessa realidade, muitos espanhóis renegaram sua Fé e se perverteram ao Islã, movidos pela conveniência. Outros se mantiveram cristãos, mas não ousavam declarar guerra à impiedade instaurada. Muitas vezes, os próprios prelados promoviam uma espécie de adaptação dos católicos às novas circunstâncias, arrastando suas ovelhas à capitulação.

No norte espanhol, entretanto, um punhado de fiéis, inflamados de santa inconformidade, levantou-se para mudar os rumos da História!

Primeiras resistências

Uniram nessa região dois grupos dispostos a enfrentar o domínio maometano: os godos, que antes reinavam naquele território e desejavam recuperar seus direitos violados, e a população montanhesa local, que não

queria aceitar a presença dos infiéis invasores e negava-se a pagar-lhes o imposto exigido.

Esses poucos homens eram, naturalmente, incapazes de enfrentar as tropas muçulmanas, numerosas, disciplinadas e bem treinadas na guerra. No entanto, o arrojo e a ousadia de um varão, chamado Pelayo, logrou obter o que parecia impossível.

Sem poupar esforços, ele reuniu os chefes da região e lhes mostrou quem eram seus inimigos. Reprovou a ignominiosa submissão manifestada até então e conseguiu excitar a coragem dos ástures, movendo-os à luta. Por seu zelo, ele foi eleito comandante da resistência.

Assim que tiveram notícia dessa eleição, os mouros enviaram contra as Astúrias um forte exército, a comando de Alkama. Dom Pelayo, por sua vez, reuniu os seus e se refugiou em Covadonga.

Confiança no auxílio dos Céus

Situada no interior do Monte Ausé, Covadonga era uma espécie de caverna natural e espaçosa. Segundo tradições antigas, o lugar era dedicado a Nossa Senhora desde antes da invasão dos árabes, e é possível que seu nome seja uma variação da expressão latina *cova dominica*, que significa *cova da Senhora*. “Ali se recolheu Pelayo com quantos soldados podiam caber naquele rude recinto, dispondo o restante de seus homens nas alturas e florestas que fecham e confrangem o vale regado pelo Rio Deva, e ali aguardou com serenidade o inimigo”.²

A escolha desse campo de batalha foi estratégica para os guerreiros cristãos. Na gruta, estariam protegidos pelas rochas e teriam uma ampla visão do movimento dos adversários. Ademais, o terreno à sua frente era fortemente escarpado e quase intransitável, além de demasiado apertado para que nele coubesse a totalidade das tropas inimigas. Tratava-se do lugar ideal para uma emboscada, o que Pelayo viu

com clareza, mas Alkama e os seus não.

Entretanto, os cristãos estavam longe de depositar nisso a sua confiança. Eles contavam, sobretudo, com o auxílio da Virgem Maria, cuja proteção seria determinante para a vitória!

Miraculosa vitória

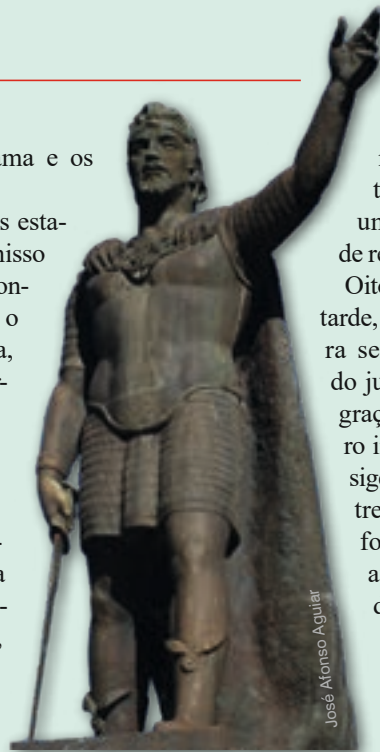
Devido às condições do terreno, Alkama conseguiu aproximar da cova apenas um número reduzido de soldados, proporcional ao contingente de Dom Pelayo. O restante da tropa ficou exposto aos ataques dos cristãos escondidos nas colinas laterais...

Iniciada a batalha, o auxílio sobrenatural se fez sentir: as flechas lançadas contra a gruta começaram a bater nas rochas e se voltar contra os próprios atiradores! Ao mesmo tempo, do alto das colinas os cristãos lançavam contra os infiéis grandes pedras e pesados troncos de árvores.

Os ástures, aos quais fortalecia a fé e consolava a ideia de que Deus lutava por eles, mantiveram-se firmes em seus postos, até que o desalento tomou conta do exército de Alkama. Este se pôs em fuga com seus soldados, muitos dos quais tombaram sob o ataque dos cristãos escondidos nos desfiladeiros daquele estreito vale. As próprias crônicas muçulmanas detalham a magnitude da derrota sofrida pelos seus... Afinal, a vitória era de Deus e de Nossa Senhora!

Estava iniciada a Reconquista!

Naquele dia, os mouros sofreram seu primeiro revés na Península Ibérica. A partir de então, muitos outros espanhóis decidiram se aliar a Dom Pelayo e, naquela peque-



Um ato de fidelidade obteve de Deus a reconquista da Espanha

Dom Pelayo - Santuário de Covadonga (Espanha); na página anterior, gruta de Nossa Senhora

na região das Astúrias, formou-se um valente núcleo de resistência ao Islã.

Oitocentos anos mais tarde, a península inteira seria afinal liberta do jugo do Crescente, graças àquele primeiro impulso de intransigência nascido entre os ástures. Este foi, sem dúvida, o ato de fidelidade decisivo que obteve para Deus e para a Cristandade a reconquista da Espanha.

“Salvai-me, Rainha!”

A sabedoria da Igreja, que ao estender a mão

aos pecadores deseja retirá-los do lodo de suas misérias e atraí-los ao caminho da verdade, convida-nos a cada passo a amar com caridade perfeita o bem e todas as suas manifestações, e, conseqüentemente, execrar o mal com inteira radicalidade.

Concebidos no pecado original, porém, é compreensível que, muitas vezes, sintamos os impulsos da moleza, da indiferença ou da preguiça a nos arrastar ao conformismo... Nesses momentos, recorramos ao socorro maternal de Maria: verdadeira fonte da galhardia de Dom Pelayo. Ela não nos abandonará em nossas pugnas espirituais! Pelo contrário, estará sempre à distância de um simples clamor: “Salvai-me, Rainha!” ✧

¹ MARTÍN HERNÁNDEZ, Francisco; MARTÍN DE LA HOZ, José Carlos. *Historia de la Iglesia en España*. Madrid: Palabra, 2009, p.44.

² GRACIA NORIEGA, José Ignacio. *Don Pelayo, el rey de las montañas*. Madrid: La Esfera de los Libros, 2006, p.155.



Equilíbrio de alma

Tanto no recolher-se para celebrar a Paixão do Senhor quanto no rejubilar-se com a Ressurreição, Dona Lucilia sabia impostar os seus mais próximos na clave católica do verdadeiro equilíbrio.

Mons. João Scognamiglio Clá Dias, EP

A conformidade de Dona Lucilia com o espírito da Igreja a tornara exímia cumpridora das praxes religiosas, naqueles idos tempos da década de 1920, ainda impregnados pelo aroma da benéfica presença de São Pio X no sólio pontifício. Amava ela o sacral esplendor com que a Liturgia enriquece as solenidades religiosas comemorativas dos principais mistérios da Fé. E assim como os fiéis associavam-se a tais celebrações, quer pelo exercício das práticas e devoções recomendadas pela Igreja, quer pela assistência aos ofícios divinos, Dona Lucilia, sempre que lhe permitia sua frágil saúde, a estes piedosamente comparecia.

Porém, não se limitava a isto. Em casa, procurava criar o ambiente próprio às diversas festas do calendário litúrgico. Tal era o caso da Sexta-Feira Santa e da Páscoa.

“Vejam como Ele está chorando por vocês”

Durante a Semana Santa, não só nas igrejas mas também nos lares – como era tradição em todas as famílias católicas – cobriam-se com tecidos roxos as imagens e os crucifixos, suspendiam-se as brincadeiras das

crianças, os mais velhos se abstinham de jogar, a maioria das pessoas vestia traje de luto, e todos falavam a meia-voz em sinal de dor pela Paixão e Morte de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Dona Lucilia congregava os pequenos em torno de si e explicava, em tom de muita gravidade, todos os passos da Paixão, fazendo-lhes ver as funestas consequências do pecado. A fim de mover seus pequenos ouvintes à compaixão para com Nosso Senhor, mostrava-lhes piedosas gravuras e, em palavras acessíveis à compreensão infantil, dizia:

— Vejam como Ele está chorando por vocês. Está também chorando pelos outros, porque sofreu por todos...

Na Sexta-Feira Santa reunia todos os parentes que moravam em casa e, às três horas da tarde, organizava uma vigília de orações diante de um crucifixo, herdado de seu saudoso pai.

Dona Lucilia dava início ao ato com uma ladainha ao Sagrado Coração de Jesus; seguia-se uma ladainha de Nossa Senhora; depois pedia por alma desse, daquele – não havia pessoa falecida, da família, por cuja alma se esquecesse de orar. Entremeava as orações vocais com intervalos em

que rezava em silêncio, e todos permaneciam em atitude de recolhimento. Ninguém ousava sair.

Tudo terminado, Dona Lucilia deixava, diante do crucifixo exposto, uma vela acesa, até esta quase se extinguir. No dia seguinte, após rezar alguma breve oração, tomava aquela santa imagem de nosso Redentor e a envolvia num papel de seda, guardando-a numa gaveta até o próximo ano.

Após as graves tristezas da Semana Santa vinham, a partir do meio-dia do Sábado de Aleluia, as triunfais alegrias da Ressurreição, que ela se empenhava também em transmitir às crianças. Via-se, em várias esquinas da cidade, a tradicional malhação do Judas, pela qual os meninos vingavam a traição mil vezes infame cometida contra Nosso Senhor Jesus Cristo.

Já no sábado, Dona Lucilia organizava o passeio do dia seguinte, onde não faltavam as iguarias e guloseimas, tão do agrado das crianças, e cuja preparação ela sempre orientava.

Domingo de Páscoa no Parque Antártica

Desde o nascer do sol, o dia se anunciava como um inocente e feliz

Domingo de Ressurreição dos idos de 1915 ou 1916. Na véspera, como era habitual todos os anos, Dona Lucília enchia uma cesta de vime com ovos de páscoa, bebidas e sanduíches, dado ser costume na família levar nesse dia as crianças para um piquenique.

Em determinado momento, abria-se a porta do palacete Ribeiro dos Santos e, sob o vigilante olhar das governantes, saía uma chusma de crianças que, apinhadas em vários táxis, seguiam em alegre algazarra pelas ruas então tranquilas dos Campos Elíseos. Junto, amparando com sua diligente e calma presença, ia Dona Lucília. Em geral escolhia o Parque Antártica para a festa ao ar livre.

Chegadas ao local, dava liberdade às crianças para irem brincar pelas diversas alamedas ajardinadas, cobertas pela sombra de imponentes árvores. Enquanto os pequenos se dispersavam, as governantes, sob a orientação de Dona Lucília, escondiam, em meio à vegetação, apetitosos sanduíches de sardinhas portuguesas, lombo de porco, presunto e queijo, entremeados de fatias de ovos duros, além de ovos de Páscoa de chocolate ou de açúcar *candy*, envoltos em papéis prateados. Estes últimos ofereciam a agradável surpresa de conterem bombons. Quando tudo estava pronto, as crianças acorriam alegres à voz de Dona Lucília, chamando-as para virem descobrir aquelas delícias.

Vinham lépidas. Plínio, nada entusiasta de corridas, ficava para trás, pensando consigo mesmo: “Mãe dará um jeito”. Enquanto os outros, com avidez, iam à busca dos tesouros culinários ocultos, e as manifestações de alegria denunciavam terem sido encontrados os primeiros petiscos, ele se voltava para Dona Lucília, que comprazida observava toda aquela vivacidade infantil, e perguntava:

— Como é, meu bem? Onde estão as coisas?

Carinhosamente ela respondia:

— Filhão, você precisa procurar!

Pouco depois ele insistia:

— Mas, meu bem, não vejo onde estão...

Então, olhando na direção onde havia algo escondido, ela sorria dizendo:

— Filhão, veja se você encontra lá.

Confiante em que o conselho materno sempre indicava o caminho certo, ele seguia o rumo apontado pelo olhar de Dona Lucília. Ela permanecia sentada a observá-lo. Se ele demorava a encontrar as desejadas igua-

rias, ela se levantava e ia para junto dele que, sempre muito enfático, novamente lhe dizia:

— Meu bem, não estou achando esses ovos! Diga-me por favor onde estão, porque não os encontro...

Ela, por sua vez, o estimulava:

— Procure, procure! Olhe um pouco ali.

Por fim, Plínio descobria algumas guloseimas, que, por sinal, eram seus manjares prediletos, escondidos especialmente para ele... Logo abraçava e beijava Dona Lucília como expressão de filial reconhecimento. A seguir, ela lhe ordenava com afeto:

— Vá brincar, meu filho.

Auréola de sublimidade, que atraía

Por sua placidez e serenidade em meio àquela inocente alegria, Dona Lucília ensinava às crianças a buscar a verdadeira felicidade apenas nas formas de prazer que conservavam e desenvolvem o bem-estar sólido, tranquilo, ameno e sorridente. Não valia a pena sacrificá-la por nada que trouxesse perturbação, ainda quando isto pudesse oferecer alguma pseudoalegria.

Ela era incompatível com modos de ser febricitados e agitados. Concorria para isto o equilíbrio de seu temperamento, sempre reto na fruição e verdadeiro símbolo da ordem.

Como decorrência disto, sua alma era ávida de tudo quanto é belo e maravilhoso, criando em torno de si uma auréola de sublimidade. Testemunhas daquela época não hesitam em afirmar terem mais de uma vez observado que, estando Dona Lucília numa sala, o ambiente era um; quando ela saía, mudava completamente. Por isto as crianças da família procuravam tanto sua companhia. ✧

Extraído, com pequenas adaptações, de: *Dona Lucília*. Città del Vaticano-São Paulo: LEV; Lumen Sapientiae, 2013, p.193-197



Crucifixo diante do qual Dona Lucília reunia os familiares na Sexta-Feira Santa

Dona Lucília explicava aos pequenos, em tom de gravidade, todos os passos da Paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo



Ubatuba



Ubatuba

Fotos: Leandro Sousa



Rio de Janeiro



Belo Horizonte

Fernando Bueno

Mariana Quimas

Brasil – As solenes consagrações a Nossa Senhora segundo o método de São Luís Maria Grignon de Montfort multiplicam-se por todo o país, como fruto do curso oferecido pelo Pe. Ricardo Basso, EP, na Plataforma de Formação Católica Reconquista, dos Arautos do Evangelho. Acima, cerimônias realizadas na Casa Lumen Maris, situada em Ubatuba (SP), na Igreja de Nossa Senhora do Carmo, antiga Sé do Rio de Janeiro; e na casa dos Arautos em Belo Horizonte.



Fotos: Juan Carlos Villagómez / Ronny Fischer

México – Mais de quinhentas pessoas se consagraram à Santíssima Virgem na Paróquia São Judas Tadeu, Cidade do México, no dia 19 de fevereiro. A preparação foi feita seguindo o curso online ministrado pelo Pe. Manuel Rodríguez Sancho, EP, para os fiéis de língua hispana.



Fotos: Jesse Arce / José Sánchez

Colômbia – Numerosas consagrações a Maria Santíssima foram realizadas nos dias 19 e 20 de fevereiro na Igreja Nossa Senhora do Rosário de Fátima, em Tocancipá (esquerda). Nesse mesmo fim de semana, houve também uma concorrida cerimônia de consagração na capela da casa dos Arautos de Medellín (direita).



Madri



Sevilha



Valência



Oviedo



Cartagena

Fotos: Eric Salas / Sara Mayo / Inácio Dorta

Espanha – As principais cidades dessa nação continuam acolhendo cerimônias de consagração à Mãe de Deus. Elas reúnem fiéis de todos os quadrantes do país que seguiram o curso online em castelhano. Nas fotos, aspectos das cerimônias realizadas na Basílica de Nossa Senhora da Conceição, em Madri; na Paróquia Nossa Senhora do Ó, em Sevilha; na Real Paróquia de São Miguel e São Sebastião, em Valência; na Capela Afonso II, o Casto, da Catedral de Oviedo; e na Casa de Formação e Espiritualidade São José, em Cartagena.



Fotos: Leandro Sousa



Caieiras (SP) – No dia 28 de janeiro, Dom Benedito Beni dos Santos presidiu a Santa Missa de abertura do ano letivo do Seminário Maior dos Arautos do Evangelho, celebrada na Basílica de Nossa Senhora do Rosário. Mais de um centenar de alunos participaram do ato litúrgico.

Marcelo Paulino da Silva / Maria Clara Goulart



Nova Friburgo (RJ) – A pedido do Bispo Diocesano, Dom Luiz Antônio Lopes Ricci, os Arautos participaram da comemoração pelo Dia Mundial dos Religiosos realizada na catedral (esquerda). Dias depois, o Pe. João Carlos Fidelis de Moura, EP, administrou a Crisma para vinte fiéis no Oratório Nossa Senhora de Fátima (centro e direita).

Fotos: Eduardo Injque



Franco da Rocha (SP) – A pedido do prefeito municipal, Dr. Nivaldo Santos, o Pe. Aumir Scomparin, EP, e membros dos Arautos do Evangelho distribuíram cestas básicas às famílias prejudicadas pelo temporal que, em meados de fevereiro, destruiu numerosas moradias.



Guatemala – Visitas com a imagem do Menino Jesus ao Asilo Margarita Cruz Ruiz durante a novena de Natal (foto 1), atividades apostólicas com as crianças do Residencial La Montaña (fotos 2 e 3), apresentação musical na Paróquia Villa de Guadalupe (foto 4), e a visita com a Imagem Peregrina do Imaculado Coração de Maria ao setor de migração da Força Aérea do país (foto 5) são algumas das mais recentes atividades realizadas pelo setor feminino dos Arautos do Evangelho no país.



Equador – Com entusiasmo, emoção e muitas saudades foram recebidas em Sucumbíos duas irmãs do setor feminino. Durante várias semanas, elas visitaram os lares desse vicariato apostólico levando uma imagem do Menino Jesus e um oratório de Nossa Senhora de Fátima.



ACONTECEU NA IGREJA E NO MUNDO

Consagração da Ucrânia ao Imaculado Coração de Maria

Em comunicado divulgado no dia 24 de fevereiro, a Conferência dos Bispos Católicos Romanos da Ucrânia aconselhou ao clero que, dada a situação em que se encontra o país, rezem o Ato de Consagração da Ucrânia ao Imaculado Coração de Maria após cada Santa Missa.

No documento, os Bispos ucranianos ressaltam que este tempo de provação deve ser uma oportunidade para a reconciliação com Deus, e encorajam os fiéis a procurar com mais assiduidade o Sacramento da Penitência e a Eucaristia, bem como a rezar o Rosário em conjunto, suplicando a proteção divina.

Vinte e três sacerdotes ordenados em Seul

No dia 28 de janeiro, a Arquidiocese de Seul ordenou vinte e três novos sacerdotes, três dos quais pertencentes à Sociedade Missionária Católica Internacional de Seul, entidade comprometida com o envio de missionários para a América Latina. O Arcebispo Metropolitano, Dom Peter Chung Soon-Taick, OCD, que presidiu a celebração, destacou na ocasião ser este um sinal concreto de que a Igreja na Coreia se converteu em uma "Igreja que doa", estando pronta para assumir uma missão para mais além de suas fronteiras. O país se transforma, assim, de evangelizado em evangelizador.

A Coreia do Sul é uma das nações asiáticas nas quais a Igreja Católica mais cresceu em nosso século,

com um aumento do número de católicos em quase 50% nos últimos vinte anos, sobretudo devido à conversão de adultos. Hoje o país conta com 5,6 milhões de católicos, o que representa 11% da população, cifra que, em 1950, era de apenas 1%. Essa realidade se reflete no pujante clero local, cuja maior parte está composta por jovens, contrastando com a crise vocacional do Ocidente.

facebook.com/diariodepetropolis



Imagem de Nossa Senhora resiste a deslizamentos

Inúmeras notícias de catástrofes naturais ou provocadas pelo homem, tais como inundações, erupções vulcânicas, terremotos, incêndios, enfermidades, atentados e guerras, vêm alarmando o mundo nos últimos tempos. Nessa terrível situação, tem chamado a atenção uma presença discreta e protetora, registrada em crescente número de casos: a Virgem Maria, sob várias de suas invocações, cujas imagens se mantêm íntegras em cenários de destruição, como um raio de esperança.

Um desses fatos se verificou em fevereiro após as fortes chuvas que assolaram a cidade de Petrópolis, Rio de Janeiro, provocando enchentes e deslizamentos de terra que deixaram mais de duzentos mortos. Em meio à tragédia, a população pôde encontrar alento espiritual ao se deparar com um pequeno oratório de Nossa Senhora das Graças que permaneceu intacto em um dos bairros mais afetados pelo temporal. Desde 1973 a imagem se encontrava no local e os moradores acreditam que, se ela não estivesse ali, o desastre teria sido muito pior.

Frankfurt celebra a festa de Carlos Magno

No dia 29 de janeiro se celebrou na Catedral de São Bartolomeu em Frankfurt, outrora igreja da coroação dos imperadores alemães, o tradicional *Karlsamt*, ofício pontifical em honra a Carlos Magno. A cerimônia ocorre todos os anos no último sábado de janeiro, em comemoração do aniversário de morte do monarca.

O ofício consta da *Sequentia Sancti Karoli*, hino latino dedicado ao imperador, e do cântico das *Laudes regiae*, composição do século IX com súplicas a Nosso Senhor Jesus Cristo pela Igreja, pelo Papa, pelo Bispo, pelo povo alemão e seus governantes, sendo seguido de uma Missa solene. Normalmente se convida um Bispo ou Cardeal estrangeiro para presidir a celebração e, neste ano, o escolhido foi Dom Zbigniew Stankevičs, Arcebispo de Riga, na Letônia.

Desde 1176, Carlos Magno é venerado como Bem-Aventurado em algumas cidades da Alemanha, como Aachen e Osnabrück, com a permissão da Santa Sé.



Karmel.pl

Carmelitas Descalças decidem permanecer na Ucrânia

Em meio à situação de guerra em território ucraniano, resulta admirável a decisão tomada pelas carmelitas descalças das cidades de Kiev e Kharkiv. Através das redes sociais, a Cúria Generalícia da Ordem anunciou que as irmãs permanecerão em seus mosteiros e pediu que todos rezassem por elas e pelo povo ucraniano.

As religiosas se estabeleceram no país na década de 1990, a fim

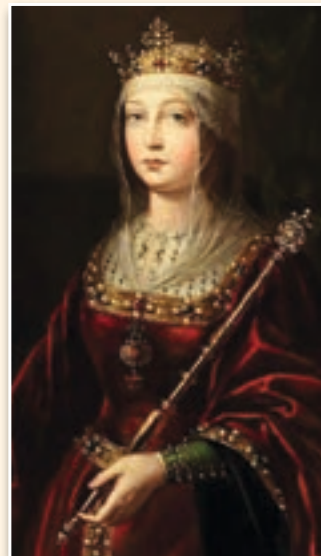
Isabel, a Católica, a caminho da beatificação

A causa de beatificação de Isabel, a Católica, rainha de Castela e grande propulsora da evangelização das Américas, soma já várias décadas, tendo se iniciado no ano de 1958 na Diocese de Valladolid, Espanha, onde a monarca faleceu. Desde então, se acumularam mais de vinte volumes com a documentação histórica e relatos de favores obtidos por sua intercessão. Em recente declaração, porém, o responsável pelo processo, Pe. José Luis Rubio Willen, afirmou que pode estar próximo o momento de vê-la elevada à honra dos altares.

O anúncio do Pe. Rubio Willen se deve ao reconhecimento por parte da Santa Sé

do primeiro milagre atribuído à rainha. Trata-se da cura de um sacerdote que se encontrava hospitalizado e em coma, devido a um avançado câncer no pâncreas. Sua família visitou o túmulo dos Reis Católicos, em Granada, pedindo a Deus sua cura por intermédio de Isabel, e o sacerdote se recuperou de maneira imediata.

A Comissão Isabel a Católica, que promove a causa de beatificação, segue recolhendo relatos de graças alcançadas, como este provindo de Roma: um jovem que seria operado em razão de um câncer no pulmão teve sua cirurgia cancelada por estar curado, graças à intervenção da rainha.



Reprodução

Isabel de Castela, por Luis de Madraza - Museu do Prado, Madrid

de auxiliar, com sua oração e presença, a reconstrução da sociedade ucraniana após a queda da União Soviética.

A Igreja ganha mais um Doutor: Santo Irineu de Lyon

O apóstolo dos celtas e dos germânicos e insigne defensor da doutrina católica, Santo Irineu de Lyon, recebeu o título de Doutor da Igreja, com o decreto assinado do dia 21 de janeiro, o qual lhe confere a designação de *Doctor Unitatis*.

Doutor da Igreja é um título concedido oficialmente pela Igreja Católica a alguns Santos, reconhecen-

do-os como eminentes mestres da Fé para os fiéis de todos os tempos.

Originário da Ásia Menor e discípulo de São Policarpo de Esmirna, Santo Irineu foi Bispo de Lyon, França. Em seus escritos, expôs com clareza a verdadeira doutrina e a defendeu contra os ataques heréticos, em especial a gnose, a qual ameaçava a Igreja no século II. Morreu mártir em 28 de junho de 202, durante a perseguição do Imperador Severo.

Aparecida acolhe a Romaria do Terço dos Homens

Cerca de vinte e cinco mil peregrinos participaram da XIV Roma-

ria Nacional do Terço dos Homens ao Santuário de Aparecida, realizada entre os dias 18 e 20 de fevereiro. Dom Gil Antônio Moreira, Arcebispo de Juiz de Fora e referencial da CNBB para o movimento, presidiu a Missa de abertura.

O tema central do encontro foi *Caminhar com Maria, para viver e crescer em comunidade*, e seu lema, *Na Casa da Mãe, renovamos o compromisso missionário*. Para Glayson Lozer, um dos organizadores do evento, rezar sob o manto de Nossa Senhora Aparecida, lugar símbolo de nossa Fé, leva os homens a serem melhores na família e na sociedade.



Faça a sua assinatura gratuitamente em **GAUDIUMPRESS.ORG**

Acompanhe as principais notícias da Igreja Católica no Brasil, no mundo e no Vaticano



PARA RECEBER NOTÍCIAS EM SEU WHATSAPP REGISTRE NOSSO NÚMERO E ENVIE-NOS UMA MENSAGEM

+55 11 988051031



O jumentinho mais feliz da História

O coração daquele burrinho batia cada vez mais forte...
Um dos que faziam parte do séquito começou a puxá-lo
com muita suavidade, seguindo as orientações do Mestre.
Ele se sentia mais nobre que um brioso corcel!



Ir. Letícia Gonçalves de Sousa, EP

Já passara a hora nona, e o sol ainda aquecia fortemente a aldeia de Betfagé, situada nos arredores da Betânia. Toda a região experimentava a seca e a fome naqueles dias...

Os filhos de Bartolomeu – honesto agricultor – moíam o trigo, que com tanto esforço haviam produzido naquele ano, e organizavam o feno no armazém da casa. Marcos, o mais novo da

família, estava encarregado de levar a farinha para os compradores. Era seu costume cantarolar Salmos enquanto carregava o lombo de seu jumentinho com pesados sacos de farinha.

Este animal era jovem e gozava de boa saúde. Nunca fora montado por ninguém; só o usavam para cargas. Obedecia prontamente e doava-se tanto quanto podia nos trabalhos de transporte.

Naquele fim de tarde, o pobre asno estava bem cansado... Após um merecido bocado de ração e uma dose considerável de água, pôde se retirar a fim de recuperar as forças para a próxima jornada.

— Nossa! Hoje foi bem pesado o seu trabalho, jumentinho! Que vida dura você leva! – Disse a atrevida galinha.

— É, Da. Galinha, estou exausto...

No mesmo instante em que conversavam, começou a tremer a terra. Uma grossa nuvem de poeira se levantou e a Da. Galinha, desesperada, começou a gritar:

— Chegou o fim do mundo! Vou correndo recolher os pintinhos debaixo de minhas asas! Adeus!

E se foi... O jumentinho empacou, reteve a respiração, fechou os olhos e encolheu-se de medo. Então ouviu uma voz tonitruante:

— Alto!!!

A tropa, que se deslocava a passos compassados, parou disciplinadamente em frente da casa de Bartolomeu. Aos poucos, a nuvem de poeira foi baixando e o burrinho teve coragem de abrir um de seus olhos para comprovar se o mundo tinha realmente acabado... Surpreso, percebeu tratar-se de uma legião romana que rumava a Jerusalém. E em meio à multidão de soldados, vislumbrou algumas bigas puxadas por fortes e belos cavalos.

O jovem jumento, amarrado num poste, comentou consigo mesmo:

— Puxa! Quão honroso seria conduzir um desses carros só utilizados por oficiais de guerra! Aquele



Ilustrações: Elizabeth Bonyun

“Hoje foi bem pesado o seu trabalho, jumentinho!”, disse Da. Galinha

comandante tem tanta categoria... Que homem importante! Todos os judeus abrem espaço para ele passar. Oh, que magnífico!

Mas depois deu um longo suspiro:

— Ah! Se eu fosse um cavalo... Entretanto, nasci jumentinho... Deus assim o quis!

Aquela noite, o pobre animal a passou sonhando com a glória de ser um corcel.

Ao raiar da aurora, Marcos retomou o trabalho com os sacos de farinha. Durante os deslocamentos, o jumentinho ouviu o som de flautas e tambores. Pouco depois, vislumbrou uma comitiva de comerciantes orientais. Dezenas de camelos, com ricos jaezes e carregados de valiosos objetos passaram diante do humilde burrinho que, tomado de admiração, exclamou:

— Veja todos esses camelos! Olhe seus arreios luxuosos! As rédeas são feitas de prata e ouro... Que maravilha! Até se parecem com aqueles que minha avó dizia ter conhecido há uns trinta anos, vindos com três reis do Oriente. Ah, se eu pudesse conduzir, como eles, ricos comerciantes orientais, revestidos de roupas e turbantes coloridos, carregados de pedras preciosas e tecidos finos! Entretanto, estou aqui, amarrado a este poste...

Recolhido nas suas meditações, o jumento pensou ainda:

— Ó Deus, meu Criador, como eu queria fazer algo de grandioso em minha vida! No entanto, nasci potro, cria de uma jumenta... Que seja feita a vossa vontade!

E prosseguiu em suas fainas diárias.

Mais tarde, já no fim do expediente, lá estava novamente preso com uma corda ao poste, junto da porta. De repente, viu dois homens se aproximarem e, sem dar explicações, começaram a desfazer os laços que o retinham.

— Ih, o que vai acontecer comigo agora? Acho que essa gente está passando tanta fome que decidiu comer

carne de jumento. Quem tem fome até disso se alimenta! O que posso eu fazer?

Suspirando continuou:

— Seja feita a vontade de Deus!

Percebendo, à distância, que queriam levar seu animal de carga, Marcos dirigiu-se até os dois desconhecidos e perguntou por que o desamarravam. A resposta foi misteriosa:

— O Senhor precisa dele, mas daqui a pouco o devolverá.

Sem pôr resistência, Marcos permitiu-lhes levar o jumentinho, o qual se deixou guiar quietinho e resignado.

Passado algum tempo de caminhada, eis que ele se deparou com um Homem imponente e de trato bondoso. Arregalou seus olhos para vê-Lo bem e levantou suas grandes orelhas.

— Esse Homem é muitíssimo superior àqueles oficiais romanos e nem de longe se assemelha aos orientais que vinham sobre camelos. Ah, não tem comparação! Ele é diferente.

Para maior espanto, várias pessoas cobriram com mantos o seu dorso e logo em seguida aquele Varão montou sobre ele. Não demorou muito para o burrinho entender que se tratava de Jesus de Nazaré, o Messias esperado havia séculos.

Seu coração batia cada vez mais forte... Um dos que faziam parte do séquito começou a puxá-lo com muita suavidade seguindo as orientações do Mestre. O jumentinho se sentia mais nobre que um brioso corcel!

Quando chegaram às portas de Jerusalém, uma aglomeração de pessoas de todas as idades e condições os esperava ansiosamente. Estendiam ramos de palmeiras no chão, ou os balançavam em sinal de aclamação. Tomavam também os próprios mantos e os estiravam para que o humilde burrico do Salvador passasse sobre eles.

— Hosana! Hosana! Hosana ao Filho de Davi! Bendito o que vem em nome do Senhor!

Enquanto as capas ou outros valiosos tecidos iam recobrimdo o caminho à sua frente, o jumentinho teve um estremecimento interior. Contudo, reconheceu que aquela glória não era sua, mas do Redentor que nele montava.

Quando terminou a procissão, Nosso Senhor desceu e entrou no Templo. Ao final do dia, levaram o burrinho de volta para o seu dono, que o amarrou novamente ao poste. O resto de sua vida ficou pautado por aquele dia de glória! Ele era o animal mais feliz do mundo, pois recebera a graça de carregar o Rei do universo. ✧



Aquele dia de glória pautou a vida do jumentinho para sempre

OS SANTOS DE CADA DIA

1. Beato Hugo de Bonnevaux, abade (†1194). Monge cisterciense, sobrinho de Santo Hugo de Grenoble. Foi o intermediário do tratado de Veneza, que estabeleceu a paz entre o Papa Alexandre III e o Imperador Frederico I.

2. São Francisco de Paula, eremita (†1507 Castelo de Plessis-les-Tours - França).

Beata Maria de São José, virgem (†1967). Fundou em Maracay, Venezuela, a Congregação das Agostinianas Recoletas do Sagrado Coração de Jesus.

3. V Domingo da Quaresma.

São Sisto I, Papa (†128). Romano de nascimento, foi o sexto sucessor de São Pedro. Regeu a Igreja no tempo do imperador Adriano.

4. Santo Isidoro de Sevilha, Bispo e Doutor da Igreja (†636 Sevilha - Espanha).

São Caetano Catano, presbítero (†1963). Pároco da antiga Arquidiocese de Reggio Calabria, fundador da Congregação das Irmãs Verônicas da Sagrada Face.

5. São Vicente Ferrer, presbítero (†1419 Vannes - França).

Santa Juliana, virgem (†1258). Priora do Mosteiro agostiniano de Mont-Cornillon, em Liège, Bélgica, promoveu a introdução da festa de Corpus Christi.

6. Beata Petrina Morosini, virgem e mártir (†1957). Jovem de vinte e seis anos, morta em defesa de sua virgindade quando regressava a casa após um dia de trabalho.

7. São João Batista de La Salle, presbítero (†1719 Rouen - França).

Beata Maria Assunta Pallotta, virgem (†1905). Religiosa do Instituto das Irmãs Franciscanas Missionárias de Maria, falecida em Dongerkou, China, onde exercia com simplicidade as mais humildes funções.

8. Santo Ágabo, profeta. Discípulo de Jesus, mencionado nos Atos dos Apóstolos.

Previu uma grande fome em toda a terra (At 11, 28) e a prisão de São Paulo no seu retorno a Jerusalém (21, 10-11).

9. Santa Valdetrudes, religiosa (†688). Irmã de Santa Aldegundes, esposa de São Vicente Madelgário e mãe de quatro santos. De comum acordo com seu marido, que se fez monge, ingressou num mosteiro por ela mesma fundado.

10. Domingo de Ramos da Paixão do Senhor.

São Paládio, Bispo (†658). Abade do Mosteiro de Saint-Germain eleito Bispo de Auxerre, França. Participou de vários concílios e empenhou-se em renovar a disciplina eclesiástica.

11. Santo Estanislau de Cracóvia, Bispo e mártir (†1079 Cracóvia - Polônia).

Beata Helena Guerra, virgem (†1914). Fundou em Lucca, Itália, a Congregação das Oblatas do Espírito Santo.

12. São Júlio I, Papa (†352). Defendeu tenazmente os princípios do Concílio de Niceia durante a perseguição ariana e protegeu Santo Atanásio contra as acusações, acolhendo-o durante seu exílio.

13. São Martinho I, Papa e mártir (†656 Quersoneso - Ucrânia).

Beata Ida de Bolonha, viúva (†1113). Esposa de Eustáquio II, Conde de Bolonha, educou piedosamente seus filhos, entre os quais Godofredo de Bouillon. Após a morte de seu marido, dedicou-se por inteiro às obras de piedade e de caridade.

14. Quinta-Feira da Semana Santa. Instituição da Sagrada Eucaristia.

São Bento de Avignon, leigo (†1184). Jovem pastor graças ao qual, com o auxílio de Deus, foi construída em Avignon, França, uma ponte sobre o Rio Ródano.

15. Sexta-Feira da Paixão do Senhor.

São Crescente de Mira, mártir (†data inc.). Sofreu o martírio sendo queimado na fogueira em Mira na Lícia, atual Turquia.

16. Sábado Santo.



**São Sisto I -
Pontifícia Universidade
São Tomás de Aquino, Roma**

Gustavo Krall

Santa Engrácia, virgem e mártir (†séc. IV). Cristã de nobre família, martirizada por ter-se apresentado diante do magistrado romano em Saragoça para reprová-las as atrocidades por ele cometidas contra seus irmãos na Fé.

17. Domingo da Páscoa na Ressurreição do Senhor.

Beata Clara Gambacórti, abadessa (†1419). Ficando viúva ainda jovem, animada por Santa Catarina de Sena, fundou em Pisa, Itália, o primeiro mosteiro dominicano de estrita observância.

18. São João Isauro, monge (†c. 842). Monge da Ilha de Egina, Grécia, defendeu firmemente o culto das imagens santas.

19. São Bernardo, penitente (†1182). Para expiar os pecados da juventude, partiu descalço e, contentando-se com escasso alimento, peregrinou incansavelmente pela Terra Santa. Morreu no Mosteiro de Saint-Bertin, França.

20. Santa Inês de Montepulciano, virgem (†1317). Com apenas nove anos, tomou as vestes das virgens consagradas. Fundou em Montepulciano um mosteiro dominicano. Sua vida é repleta de episódios maravilhosos, sendo abundantes os milagres e as graças místicas.

21. Santo Anselmo, Bispo e Doutor da Igreja (†1109 Cantuária - Reino Unido).

Santo Anastásio, o Sinaíta, abade (†c. 700). Foi eleito abade do mosteiro do Monte Sinai, onde lutou contra o monofisismo e escreveu várias obras de polêmica e de exegese.

22. São Caio, Papa (†296). Escapou da perseguição do imperador Dio-

cleciano e morreu como confessor da Fé.

23. São Jorge, mártir (†séc. IV Palestina).

Santo Adalberto de Praga, Bispo e mártir (†997 Tenkitten - Rússia).

Beata Teresa Maria da Cruz, virgem (†1910). Fundadora da Congregação das Carmelitas de Santa Teresa, na Toscana, Itália.

24. II Domingo da Páscoa. Domingo da Divina Misericórdia.

São Fidélis de Sigmaringa, presbítero e mártir (†1622 Seewis - Suíça).

Santa Maria Isabel Hesselblad, virgem (†1957). Religiosa de origem sueca falecida em Roma. Reformou a Ordem de Santa Brígida.

25. São Marcos, Evangelista.

São Pedro de São José Betancur, religioso (†1667). Religioso da Ordem Terceira Franciscana que em Antigua, Guatemala, se dedicou a cuidar de órfãos, mendigos, doentes, jovens abandonados, peregrinos e homens inválidos.

26. Nossa Senhora do Bom Conselho.

São Ricário, presbítero (†645). Pagão de Celles, Fran-

ça, cristianizado pela instrução recebida dos missionários irlandeses. Fundou uma comunidade monástica em Crécy, onde viveu como contemplativo.

27. Santa Zita, virgem (†1278). Distribuiu aos pobres da cidade de Lucca, Itália, o pouco que lhe sobrava do salário recebido como empregada doméstica. Sua santidade foi reconhecida ainda em vida.

28. São Luís Maria Grignon de Montfort, presbítero (†1716 Saint-Laurent-sur-Sèvre - França).

São Pedro Chanel, presbítero e mártir (†1841 Futuna - Oceania).

Beato Luquésio, leigo (†1260). Rico mercador de Poggibonsi, Itália, contemporâneo de São Francisco de Assis, tornou-se terciário franciscano e distribuiu seus bens aos pobres.

29. Santa Catarina de Sena, virgem e Doutora da Igreja (†1380 Roma).

São Severo de Nápoles, Bispo (†c. 409). Amado por Santo Ambrósio como irmão e pela igreja de Nápoles como pai.

30. São Pio V, Papa (†1572 Roma).

Beata Paulina von Malinckrodt, virgem (†1881). Fundadora das Irmãs da Caridade Cristã em Paderborn, Alemanha.

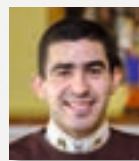


Santa Juliana de Mont-Cornillon - Igreja do Santíssimo Sacramento, Quebec (Canadá)

Gustavo Kralj

“Kintsugi” e a arte do perdão divino

Em nada transparece tão claramente a onipotência de Deus quanto no ato de perdoar. Eis o mistério do amor de um Ser infinito e eterno que, ao escutar o gemido de um coração contrito, realiza o “impossível”.



Santiago Vieto Rodríguez

Estamos acostumados ao descartável, ao prático e ao efêmero; além disso, vivemos numa sociedade que, em consequência, é cada vez mais inimiga do pulcro, do elevado e do perene. Desse modo, talvez nos seja difícil compreender uma forma de arte oriental, o *kintsugi*, que visa restaurar objetos despedaçados de modo a sublimá-los, afirmando assim que dos cacos decorrentes de um desastre supostamente irreparável pode surgir algo superior.

A história do *kintsugi* – do japonês, marcenaria em ouro – remonta ao final do século XV, quando o xogum Ashikaga Yoshimasa enviou à China duas de suas chávenas preferidas para serem reparadas. As peças de porcelana voltaram consertadas, mas com alguns grampos de metal que lhes davam aparência rústica e desagradável. Descontente, decidiu ele encomendar a empresa a artesãos japoneses.

Tão magníficos foram os resultados obtidos por estes artistas que, segundo se narra, muitos aristocratas

orientais chegaram a quebrar propositalmente preciosas peças de porcelana para serem reparadas por eles. Nascia assim uma técnica de restaurar cerâmicas que se converteria em arte e atravessaria os séculos.

Consiste essa técnica em unir as peças partidas com laca *urushi* – proveniente da resina da árvore de mesmo nome – polvilhada com pó de ouro, de prata ou de platina. Para aplicar a laca, usa-se um pincel de *kebo* ou *makizutsu*. No final do processo a peça terá sua forma original, mas estará repleta de cicatrizes brilhantes.

Refletindo sobre essa tradição, notamos que parece existir uma série de realidades metafísicas que a certas nações pagãs foi dado intuir com maior acuidade que às do Ocidente cristão, com vistas, sem dúvida, a prepará-las para em determinado momento acolher a verdade revelada. É de fato admirável que houvesse no Extremo Oriente um povo suficientemente contemplativo e transcendente, dotado de um preclaro dom de metáforas, para

perceber nessa forma de restauração um reflexo do que sucede com o homem na ordem moral, e fundar uma escola artesanal que perdura até os nossos dias.

Cicatrizes de um guerreiro

Reluzem no *kintsugi* vários princípios superiores. Especialmente cintilante é o da beleza das cicatrizes, algo intuitivo para uma sociedade militarizada e dotada de sumo senso de honra, que durante séculos teve como mais alto modelo a figura arquetípica do samurai, guerreiro destemido e disposto a tudo sacrificar por seu senhor.

O autêntico combatente nunca se envergonha das marcas da guerra. O que para uma estética superficial pode ser repulsivo adquire uma elevada pulcritude, de dimensão transcendente, quando analisado sob a perspectiva do valor metafísico do sofrimento em prol de um sublime ideal.

Contudo, há representado no *kintsugi* algo ainda mais elevado, que toca no Altíssimo.

O Divino Artesão

Comumente se representa a Deus como um artesão que modela um vaso de argila, imagem de cada ser humano. Sendo absoluta a destreza do Artista, o bom resultado da obra depende, neste caso, da docilidade do barro em deixar-se moldar.

Podemos imaginar esse Divino Artesão manuseando a mais vil matéria-prima e produzindo uma requintada peça de porcelana, ornada com belas figuras desenhadas por hábeis pinceladas de esmaltes paradisíacos. Trata-se de um jarro inigualável, uma obra de arte!

Suponhamos agora que esse magnífico vaso tenha vontade própria e decida lançar-se ao solo, estilhaçando-se em mil pedaços... Pois bem, é exatamente isso que faz o homem, trabalhando pela graça desde o dia de seu Batismo, quando resolve destruir a obra do Criador em sua alma e – por um capricho ou para satisfazer suas paixões – abraça o pecado.

Como reconstituir um vaso reduzido a cacos, a ponto de confundir-se com o pó?

Onipotência do perdão divino

Em nada transparece tão claramente a onipotência de Deus quanto no ato de perdoar. Eis o mistério do amor de um Ser infinito e eterno que, ao escutar o gemido de um coração contrito que se humilha e pede perdão, realiza o “impossível”.

Infinitamente mais precioso que o ouro, o Sangue do Redentor atua como uma sacrossanta “resina” para unir os fragmentos do pobre vaso e não só o restaura, mas lhe confere um novo brilho.

A alma restaurada pelo perdão divino conserva cicatrizes, mas estas serão sua glória e alegria por toda a eternidade, porque reful-

girão com a inconfundível luz de quem muito amou porque muito lhe foi perdoado (cf. Lc 7, 47).

É, pois, um absurdo desanimar e perder a paz quando nos sentimos miseráveis, ainda que por infelicidade tenhamos cometido um pecado mortal. Tão magnífica resulta a obra operada por Deus ao deramar seu perdão que, como a dos artesãos japoneses, ela supera o estado original. Daí se entende o comentário tantas vezes repetido por Mons. João Scognamiglio Clá Dias em suas pregações: se por absurdo pudéssemos pecar sem ofender a Deus, como desejaríamos fazê-lo só para receber seu perdão!

Essa verdade deve nos encher de ânimo invencível, sobretudo ao considerar que, quando se trata de restaurar por completo uma alma, Deus confia tal obra à divina Artesã, Maria Santíssima. Amparo e refúgio dos pecadores, Ela aplica o ouro de sua misericórdia mesmo sobre aqueles que sequer sabem pedir perdão e, para isso, impõe apenas uma condição: que se abandonem em suas mãos maternais. ✧



Utensílios de porcelana reconstituídos por meio de “kintsugi”; ao fundo, desenhos de vaso japonês da era Meiji

facebook.com/urushipl

facebook.com/urushipl



Dona Lucília em 18 de março de 1968,
pouco antes de seu falecimento

João Scognamiglio Clá Dias

Benquerença, bondade e afeto

Nos últimos meses da existência terrena de Dona Lucília, estavam visivelmente presentes nela aqueles dons com que a Providência prodigamente lhe ornara a infância, e que ela generosamente fizera desabrochar e frutificar ao longo da vida. Era fácil observar, em sua bela alma, o quanto a prática das virtudes se foi transformando numa como que segunda natu-

reza, ou seja, num hábito quase instintivo, e o quanto nela sobressaía sua docilidade ao menor sopro do Espírito Santo.

Sua vida primou pela benquerença, pela bondade, pelo afeto; em síntese, pelo amor a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo.

Mons. João Scognamiglio Clá Dias, EP